

N109 | MAIO 2022

COM SINAL MAIS NESTA EDIÇÃO

TODOS OS MESES A MAIS GUIMARÃES LEVA ATÉ SI O QUE DE MAIS IMPORTANTE ACONTECE NA CIDADE BERÇO E NO CONCELHO!

















RAFAEL OLIVEIRA É O "ARTISTA DO MÊS" DE MAIO E EXPÕE EM OUTDOOR NO CENTRO DE GUIMARÃES

FOTOGRAFIA: ELISEU SAMPAIO

Para visualizarem o trabalho do artista plástico vimaranense, exposto durante este mês no outdoor da Zegnea, localizado ao cimo da Avenida D. João IV, os visitantes só têm de descarregar a aplicação gratuita "ArtiVive", apontar o telemóvel para o outdoor e deixarem-se entrar no mundo da criatividade e talento de Rafael Oliveira.

Até ao final de maio, em duas fases distintas, o processo criativo de "There's No Way Out" pode ser apreciado em realidade aumentada.

Até dia 17 de maio, segundo Rafael Oliveira, dá-se o "processo de reconhecimento espacial e recolha de referências visuais para a estrutura compositiva da minha obra There's No Way Out", e na segunda fase, a partir do dia 18, será apresentado o resultado final da peça com recurso a realidade aumentada.

"Pretendo dar a conhecer um pouco daquilo que são os bastidores da minha prática artística, e incentivar uma relação mais próxima entre o espectador e a obra", disse à Mais Guimarães Rafael Oliveira.

Relativamente à iniciativa, o artista plástico, diz ser "cada vez mais óbvio que nos próximos anos teremos uma associação mais consolidada entre o mundo artístico tradicional, e o digital". No caso da proposta Ecrã em conjunto com o Grupo Zegnea, "é curioso observar a relação que o público tem com os obras expostas por todos os intervenientes do projeto". Rafael Oliveira acrescenta que "num dia a dia cada vez mais agitado, este tipo de iniciativas são fundamentais para uma reflexão mais sensível e afastada da objetividade de grande parte das nossas atividades diárias".

Quanto ao momento da sua carreira, o artista plástico vimaranense, diz sentir-se "felicíssimo" e "confiante que os próximos anos trarão "PRETENDO DAR A CONHECER UM POUCO DAQUILO QUE SÃO OS BASTIDORES DA MINHA PRÁTICA ARTÍSTICA, E INCENTIVAR UMA RELAÇÃO MAIS PRÓXIMA ENTRE O ESPECTADOR E A OBRA"

momentos únicos".

Neste momento, Rafael Oliveira está a produzir a sua nova coleção que será exposta a público em meados do próximo ano, em Sintra. Para além disso, acrescenta ter "algumas parcerias, que estão em curso, e que serão apresentadas no primeiro semestre do próximo ano".

Durante um ano, artistas como José Caldeira (Fotógrafo), Rafael Oliveira (Artista Plástico), Teresa Rego (Ilustradora), Rui Passos (Escritor), Soraia Oliveira (Artista Plástica), Tiago Lemos (Músico e Artista Plástico), João da Fonseca (Designer de Comunicação), Pedro Bastos (Realizador e Artista Plástico) ou Filipe Fontes (Arquiteto e Escritor), expõem no ECRA (Espaço de Criatividade e Representação Artística), numa iniciativa cultural do Grupo Zegnea.

U3





A EUROPA E O SEU CONTRATO DE HUMANIZAÇÃO COM O MUNDO

"Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade". Artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Tenho um enorme orgulho em ser Europeu, em ter nascido neste espaço ocidental do continente que mais contribuiu e contribui para o desenvolvimento das sociedades no sentido da promoção da liberdade e da defesa dos seus indivíduos.

Tenho orgulho desta Europa que conhecemos e que nos foi entregue em bandeja de ouro, forjada a ferro e fogo, com esforço, suor e lágrimas, e projetada no mundo, como bem maior, para polirmos e cuidarmos. E achamos que talvez isso bastasse!

Orgulho nestes europeus, lusos e outros, que espalharam pelo globo, gradualmente, ao longo dos séculos, os princípios da fraternidade e do respeito, cada vez maior, pelos Direitos Humanos.

Somos sempre nós e as nossas circunstâncias, com o tempo em que vivemos a condicionar as nossas ações. Ações desajustadas ao tempo manifestam-se de uma maior gravidade.

Em pleno século XXI, não era expectável que pudéssemos assistir, no nosso território, a uma barbárie tão grande como aquela que ocorre na Ucrânia desde 24 de fevereiro, com a invasão russa a um país livre.

De nós, europeus de hoje, o mundo espera uma resposta clara relativamente à querra que, 77 anos depois, está de novo aqui.

E a resposta só pode ser uma: mantermo-nos no caminho da "Liberté, égalité, fraternité" e honrarmos o nosso legado, o contrato de Humanização que temos com o Mundo, desde sempre.

Mais Guimarães - A Revista é um órgão de comunicação independente e plural ao serviço de Guimarães e de todos os Vimaranenses.

Estas são as linhas que a definem

03 A Revista "Mais Guimarães" é um órgão de informação que recusa o sensacionalism

e é orientado por critérios de rigor, isenção e honestidade no tratamento das notícias.

04 A Revista "Mais Guimarães" compromete-se a respeitar os direitos e deveres previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalist

05 A Revista "Mais Guimarães" aposta numa informação diversificada de âmbito local, abrangendo os mais variados campos de atividade e pretende corresponder às motivações e interesses

06 A Revista "Mais Guimarães" distingue claramente as notícias – que deverão ser objetivas

08 A Revista "Mais Guimarães" considera a sua atividade como um serviço de interesse público, com respeito total pelos seus leitores, em prol do desenvolvimento da identidade e da cultura local e regional, da promoção do progresso económico social e cultural.

FICHA TÉCNICA

Mais Guimarães A Revista da Cidade Berço

Publicação Periódica Regional, Mensal Tiragem

5.000 Exemplares

Proprietário

Eliseu Sampaio Publicidade. Unipessoal Lda.

NIPC 509 699 138 Sede Av. de São Gonçalo, n.º 319, 1.º Piso, Sala C, Oliveira, São Paio e São Sebastião 4810- 525 Guimarães Telefone 917 953 912

Email geral@maisguimaraes.pt

Diretor e Editor

Eliseu de Jesus Neto Sampaio Registado na Entidade Reguladora Para a Comunicação Social, sob o nº. 126 352 ISSN 2182/9276 **Depósito Legal nº.** 358 810/13

Design Gráfico e Paginação

Cláudia Crespo - Mais Guimarães

Impressão e Acabamento

Gráfica Nascente, Artes Gráficas Lda Travessa Comendador Aberto M. Sousa Lote 15, Zona Industrial - Vila Nova de Sande 4805-668 Guimarães

Fotografia de Capa

COMO PUBLICITAR

Contacte-nos e conheça as

nossas campanhas de publicidade. Telefone 253 537 250 Telemóvel 917 953 912 Email geral@maisguimaraes.pt www.maisguimaraes.pt

> Av. S. Gonçalo 319, 1º Piso, Salas C 4810-525 Guimarães



MARCELO OFERECE JANTAR DE HONRA AO REI DE ESPANHA E PRESIDENTE ITALIANO

FOTOGRAFIA: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA

No dia 03 da maio, véspera da realização do XV Encontro COTEC Europa, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, ofereceu um jantar em honra do Rei Felipe VI de Espanha e do Presidente da República Italiana, Sergio Mattarella, no Paço dos Duques de Bragança em Guimarães.

Junto ao icónico monumento vimaranense, foram muitos os populares e turistas que aproveitaram a oportunidade para verem de perto e cumprimentarem as mais altas personalidades destes três estados. Sergio Mattarella, o presidente italiano, aproveitou ainda a manhã do dia seguinte para percorrer as ruas do centro histórico de Guimarães e visitar a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira.







Quanto ao XV Encontro COTEC Europa, que se realizou no Theatro Circo, em Braga, teve como tema "A Cultura ao Encontro da Inovação". Desde 2005 que a COTEC Europa, Associação Empresarial para a Inovação, junta anualmente o rei de Espanha e os Presidentes de Itália e Portugal, países onde a associação está presente.

A reunião realiza-se todos os anos num dos três países, por ordem rotativa, e junta líderes empresariais e personalidades relevantes do panorama da inovação na Europa.



Meu Super

CREIXOMIL

Rua da Índia nº 462, 4835-061 Guimarães (No edifício verde junto à Rodovia de Covas)

RONFE

Alameda Professor Abel Salazar n° 29, 4805-375 Ronfe



ENDLESS: "ABRIR PORTAS E MENTALIDADES"

TEXTO: JULIANA MACHADO • FOTOGRAFIAS: PAULO PACHECO



O palco do grande auditório do Centro Cultural Vila Flor acolheu o espetáculo Endless, da companhia Dançando com a Diferença. Desde a sua estreia, há precisamente 10 anos, já foi apresentado em diferentes cidades e teve como mote o holocausto, apesar de sempre se adaptar ao contexto atual. Mas Endless tem outra particularidade que o destaca dos demais: a inclusividade.

Desde o início que o espetáculo de Henrique Amoedo se empenhou em envolver a comunidade. Em Guimarães, o espetáculo fez parte do projeto "+ Inclusão / Fora de Portas", uma parceria d'A Oficina com a Dançando com a Diferença que pretende aproximar diferentes públicos à dança inclusiva.

Depois de passar pela cidade berço para a apresentação do espetáculo "Vaamo share oque shop é Beiro Pateiro", no ano passado, o diretor artístico aceitou o convite d'A Oficina para "dar continuidade ao trabalho da dança inclusiva, mas estendendo-a à comunidade, nomeadamente às escolas e instituições de Guimarães".

No total, foram 160 pessoas em cena, incluindo jovens da APCG – Associação de Paralisia Cerebral de Guimarães, do Lar Residencial Alecrim / Centro de Atividades Ocupacionais, o CAO / Lar Paraíso, Centro Social de Brito, da CERCIGUI – Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados do Concelho de Guimarães, da EB2,3 de Abação – CAA – Centro de Apoio à Aprendizagem, do agrupamento de escolas João de Meira e do agrupamento de escolas Francisco de Holanda.

"A principal dificuldade é, sem dúvida, o número de pessoas envolvidas. O projeto foi crescendo e isso é muito bom. Se, por um lado, é um desafio em termos de logística, por outro lado torna-se um desafio muito motivador. Temos de descobrir em cada um o que tem de melhor para contribuir para o espetáculo", explicou Henrique Amoedo à Mais Guimarães.

Com a consciência de que "o mais importante é a forma como se põe cada pessoa em palco", o responsável do espetáculo explica é essencial "que o público seja tocado emocionalmente pelo espetáculo de alguma forma". "Temos conseguido esse resultado porque observamos o que cada um tem de melhor".

Não há dúvidas que o público foi tocado emocionalmente. Uma mistura de murros no estômago e o fazer-nos questionar tudo aquilo que vemos e fazemos no nosso dia a dia. Endless salva e, ao mesmo tempo, mostra o quão insignificantes somos. Com um começo forte e um final ainda mais comovente, porque podemos mesmo ser "os próximos".

A companhia Dançando com a Diferença já tem habituado o público, e confirmou todas as certezas, a mostrar que todo o corpo é capaz de dançar e se dar a conhecer. Põe tudo de lado e aceita e acolhe, porque a arte é isso - é apenas ser entre muitas outras pessoas e ser com os outros.

Tendo em conta que se adapta a cada cidade por onde passa, mas também aos acontecimentos que marcam a atualidade mundial, Endless não poderia estar dissociado da realidade que se vive na Ucrânia. "É impossível cada um dos intérpretes não trazer o que vê no seu dia a dia, até porque a informação que circula é muita", completa o responsável.

Ainda antes do espetáculo acontecer, Henrique Amoedo não tinha dúvidas de que o espetáculo já havia tocado a comunidade a partir do momento em que existiu o intercâmbio entre os participantes e as pessoas que os rodeiam. No que ao público diz respeito, o encenador esperava que, primeiramente, fossem "reconhecidos os talentos e o trabalho levado a cabo pela comunidade de Guimarães", mas também que levasse à reflexão sobre as questões sociais e políticas presentes no espetáculo.

"AINDA HÁ MUITAS BARREIRAS PARA OUEBRAR"

A Mais Guimarães esteve ainda à conversa com dois artistas do espetáculo, Guilherme Cerqueira, da Escola Francisco de Holanda, e Mariana Gomes, do Centro e Lar Inclusivo do Polo do Paraíso (CLI-PP). Ambos admitiram que a participação no espetáculo lhes trouxe "felicidade" e têm conseguido "fazer novas amizades". Partilham em comum a paixão pela dança. "Comecei a gostar de dançar e vou querer continuar a dançar muito", referiu Mariana Gomes. Quando questionamos se gostava de mais oportunidades idênticas ao Endless, a jovem não tem dúvidas e responde com um assertivo: "sim!".

Helena Soeiro, professora na Escola Francisco de Holanda, e Ana Rita Campos, terapeuta ocupacional do CLIPP, passaram por três semanas de formação com o diretor artístico. "Depois de uma pandemia e de estarem tanto tempo isolados, tanto para nós técnicos, como para eles, é uma experiência muito boa. Para regressarmos à normalidade, nada melhor do que a arte para nos expressarmos. Sobretudo para eles que nem sempre conseguem expressar tudo o que sentem por palavras, a dança é um instrumento fundamental", destacou a terapeuta ocupacional.

Admitindo que por vezes as escolas se focam muito na parte académica, Helena Soeiro refere que são importantes "oportunidades como estas para que os jovens se libertem um pouco" e também para promover o consumo cultural. É verdade que atualmente muito se fala de inclusão, mas, para as técnicas, não é o suficiente porque "não passa da teoria". Contrariamente ao habitual, "este espetáculo traz a prática" e vai "abrir portas e mentalidades".

Gregório Rojas, assistente de coreografia, enaltece a comunidade vimaranense que acolheu a companhia de dança com "braços abertos". "Regressarmos para a Madeira e despedirmo-nos vai ser um choque bastante grande. Tem sido um processo muito rico", referiu o coreografo, acrescentando que "havia alunos que nunca tinham tido contacto com outros alunos ou pessoas com deficiência".

"Num momento inicial quase que há um receio ou estranheza normal, mas depois cria-se uma familiaridade e interajuda que faz com que as coisas vão fluindo naturalmente", elencou. "Se forem dadas oportunidades e espaço para participar, para aprender e ser estimulado, coisas fantásticas acontecem. Há sempre mais para fazer e o céu não é o limite", finalizou Gregório Rojas.













GUIMARÃES SANTA MARIA DA FEIRA LISBOA FARO

GUIMARÃES ARTE E CULTURA

MAIO 2022

DIA INTERNACIONAL DOS MU-SEUS

18 DE MAIO

Museu de Alberto Sampaio

O Museu de Alberto Sampaio vai assinalar o Dia Internacional dos Museus com uma série de atividades e entrada gratuita ao longo de todo o dia. O destaque vai para o espetáculo de teatro infantil "Na boca do lobo", destinado às crianças entre os 3 e os 6 anos dos jardins de infância do concelho. Para os alunos do 1.º ciclo, haverá o teatro de sombras "Lenda da Oliveira", seguido da atividade de descoberta da Praça da Oliveira, orientada por quião.

RUMINAR O MUSEU

18 DE MAIO

Centro Internacional das Artes José de Guimarães

Um percurso guiado e uma reflexão poética concebida especialmente para o CIAJG da autoria dos artistas André Alves, Filipa Araújo e Max Fernandes. Entre o interior e o exterior do museu, o público é convidado a participar em experiências audiovisuais e sensoriais que pensam a história enquanto narração, degustação e metabolismo.



MAY B 20 DE MAIO

Centro Cultural Vila Flor

Criada em 1981, "May B" é já considerada uma obra-prima da história da dança contemporânea. A peça é baseada em textos e personagens de Samuel Beckett, que anseiam por quietude, mas não consequem deixar de se mover. Fundadora de um discurso e momento raros por ter conseguido dar às palavras de Samuel Beckett o corpo que há tanto tempo procurava, "May B" foi uma conquista da coreógrafa francesa Maguy Marin face à resistência do dramaturgo irlandês em aceitar que as suas peças fossem adaptadas. Ele não só aprovou o projeto, como também a convidou para se encontrarem e discutilo tornando "May B" numa criação única e intemporal.



MARIZA 21 DE MAIO

Multiusos de Guimarães

Este ano, o vigésimo primeiro da sua carreira, Mariza regressa às suas raízes e demonstra toda a força da sua personalidade e do seu talento em palco trazendo consigo na bagagem o seu mais recente álbum Mariza Canta Amália, bem como todos os seus maiores êxitos que pavimentaram a solidez de uma carreira que nenhum outro artista português, desde a própria Amália Rodrigues construiu a nível internacional, com semelhante sucesso.

CONCERTO SINFÓNICO A FAVOR DA LIGA PORTUGUESA CONTRA O CANCRO

27 DE MAIO

Teatro Jordão

O objetivo passa por angariar receita, num desafio que se estende à comunidade vimaranense. O presidente do Lions Clube de Guimarães, Francisco Dias Pereira, destacou a "conjugação de diversos fatores que permitem a realização deste concerto", enaltecendo a colaboração da autarquia na disponibilização do auditório do Teatro Jordão, a participação da Orquestra do Norte e ainda de dois músicos de Guimarães de reconhecido mérito, como o maestro Pedro Morais Andrade e o solista Álvaro Pereira. "Fazemos votos para que seja um sucesso nesta campanha de ajuda a quem mais necessita e estamos empenhados nesta luta contra o cancro. Estabelecemos parcerias com entidades empresariais para suportar os custos inerentes a este espetáculo a fim de direcionar toda a receita para a Liga Portuguesa Contra o Cancro", sublinhou Francisco Dias Pereira.

MEMÓRIAS DA NOSSA TERRA 28 DE MAIO

Mercado Municipal

"Memórias da nossa Terra – Mercado à moda antiga" será uma viagem marcante, ao passado, finais do Séc. XIX e início do Séc XX., onde a alma das gentes de Guimarães partilhará memórias com todos aqueles com quem se encontrar. A algazarra dos pregões dos vendedores, trajes garridos, a rigor, com as cores, os sabores e a diversidade cultural do Mercado, a cantoria, o bailarico será uma constante ao longo da duração do evento.

BEAUTIFUL FRIEND, THE END 28 DE MAIO

Espaço Oficina

Pelas Oficinas do Teatro Oficina já passaram centenas de pessoas, muitos formadores, e várias mãos cheias de textos, peças, leituras encenadas, digressões. As Oficinas do Teatro Oficina decorrem durante o calendário do ano letivo, são compostas por três turmas que juntam alunas e alunos de várias idades, e chegam agora ao fim. "Beautiful friend, the end" é o momento em que apresentam publicamente o que andaram a trabalhar, seja exercícios, leituras encenadas, improvisações. Será, também, um momento de partilha e de troca de palavras bonitas. Vamos fechar este ciclo. "This is the end, beautiful friend, the end", como na música dos The Doors.



CARTAMUSEU

29 DE MAIO

Centro Internacional das Artes José de Guimarães

"Um dia visitei um museu e não sabia como partilhar o que senti. Aprendi então que me ajuda pensar em alguém de que gosto, pegar numa folha de papel e guardar o que lhe quero contar. Para ajudar as palavras – que não sabem tudo – faço rabiscos, recortes, colagens, pinturas, desenhos... coloco tudo num envelope, colo o selo, e envio o museu no tamanho infinito de uma carta. Não se esqueçam de trazer uma morada. Vamos ver quanto cabe nesta carta", lê-se na sinopse de Cartamuseu.

EUROPEAN ROBOCUP 2022

1 A 4 DE JUNHO

Multiusos de Guimarães

25 anos após o primeiro evento mundial RoboCup em 1997, o 3.º European RoboCup Junior e o European RoboCup Middle Size League 2022, visam estabelecer outro marco importante no desenvolvimento da robótica. Este evento reúne investigadores de todo o mundo, incluindo países como Croácia, França, Alemanha, Irão, Itália, Japão, Portugal, Rússia, Singapura, Espanha, Holanda, Reino Unido e outros. São esperados cerca de 800 participantes e 30.000 visitantes durante os 4 dias de evento.

© DIREITOS RESERVADO









PADEL: TORNEIO HENDO BMW JUNTOU 164 ATLETAS NO CLUBE DE TÉNIS DE GUIMARÃES

FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

O Padel do Clube de Ténis de Guimarães organizou de 4 a 8 de maio, o Torneio Hendo BMW, um torneio social que recebeu 82 duplas, 164 atletas e 135 jogos.

O Torneio Hendo BMW proporcionou aos amantes da modalidade a possibilidade de se juntarem durante cinco dias em jogos, competição de qualidade e muito desportivismo.

Os courts do Padel Clube de Ténis de Guimarães foram palco de disputas intensas e pontos renhidos, em 7 categorias. O torneio disputou-se nas categorias de femininos e masculinos com muitos jogos de bom nível entre os atletas que se juntaram para competir. A competição iniciou-se na quarta-feira, 4 de maio, com partidas da fase de grupos para as duplas masculinas em M4 e M3.

O segundo dia do torneio foi carregado de poder feminino. As duplas femininas entraram cheias de garra e encheram os courts de boa disposição e bom padel.

A entrada no fim de semana trouxe consigo verdadeiros dias de verão e o Clube de Ténis de Guimarães recebeu praticantes e amantes da modalidade que encheram as bancadas e apoiaram os atletas de forma entusiástica nos embates decisivos.

Domingo, dia 8 de maio, realizou-se o último dia da competição, sendo o momento de todas as decisões. As duplas masculinas e femininas encontraram-se para os confrontos finais que foram marcados por momentos únicos, da deceção dos pontos perdidos à alegria dos jogos conquistados.

Tendo como objetivo promover um estilo de vida saudável, a prática de desporto e o convívio salutar dos membros da comunidade en-

volvente, este foi um evento que contou com inúmeros parceiros de renome que se quiseram associar a esta festa.

A Hendo BMW, patrocinador oficial do evento, ofereceu a todos os atletas brindes de boas-vindas e trouxe também ao clube alguns dos seus modelos mais recentes. Proporcionou a todos presentes a possibilidade de experimentarem em primeira mão o prazer de conduzir um BMW num test-drive emocionante. A Pandemeia, a Dhika Sportswear, Fema - Transportes Express e Comercial Logistics e Pizzaria Luzzo foram as marcas que apoiaram o torneio e presentearam os finalistas e vencedores com fantásticos prémios.

Para lá da competição, todos os que estiveram presentem desfrutaram de momentos de descontração na área social, onde o Chef Luís Moreira do Cook in Padel preparou iguarias de fazer crescer água na boca.

A organização promete mais momentos de competição e convívio para breve, no Padel Clube de Ténis de Guimarães, naturalmente.



CENTRO CIÊNCIA VIVA DE GUIMARÃES



Uma verdadeira Escola de Ciência! É o mínimo que se pode dizer do projeto itinerante que o Curtir Ciência - Centro Ciência Viva de Guimarães está a dinamizar, com coordenação da Comunidade Intermunicipal do Ave, nas escolas da região. Alunos e professores dão nota máxima ao projeto.

As sessões que as equipas do Curtir Ciência estão a levar às escolas do Vale do Ave [de Guimarães a Celorico de Basto, passando pela Póvoa de Lanhoso, entre outras localidades] têm conteúdos adequados aos diferentes níveis de ensino – de um nível de iniciação (para alunos do 3º ano) até a um nível mais exigente (caso do 10º ano de escolaridade). Todas têm, no entanto, um ponto em comum: são interativas. E por isso, mas não só, também pela qualidade dos monitores que as asseguram, estas sessões estão a suscitar elevada adesão e entusiasmo. Não só da parte dos alunos, mas igualmente do lado

dos professores.

Os professores não escondem o interesse pelas atividades e pelo seu modelo de apresentação. Constituem, confessam, um modelo que cativa os alunos, conseguindo transmitir matéria, às vezes complexa, de maneira descontraída. Quanto aos alunos, a possibilidade de participarem num conjunto de experiências de cariz científico é um fator motivacional.

Luz, Magnetismo, Mecânica e Forças e Equilíbrio (para alunos do 3º ano); Microscopia, Célula Animal, Célula Vegetal e Seres Unicelulares [5º]; Minerais, Rochas, Vulcanismo e Fósseis e Paleontologia [7º] e Obtenção de matéria pelos seres autotróficos, Transporte e acumulação de reservas nas plantas, Transpiração nas plantas e Obtenção de energia pelos seres vivos (10º) são as atividades integradas neste projeto coordenado pela Comunidade Intermunicipal do Ave.



DIRETOR EXECUTIVO DO CURTIR CIÊNCIA CENTRO CIÊNCIA VIVA DE GUIMARÃES

Luz, Magnetismo; Microscopia, Seres Unicelulares; Minerais, Vulcanis-

mo e Transpiração nas plantas são algumas das atividades que o Curtir Ciência - Centro Ciência Viva de Guimarães está a levar dezenas de escolas da região, no âmbito de um plano coordenado pela Comunidade Intermunicipal do Vale do Ave Alguns dados dão uma ideia da envergadura deste projeto que, através de atividades experimentais, tem também por missão ajudar a combater o insucesso escolar e a desmotivação. As equipas itinerantes do Curtir Ciência, compostas por profissionais devidamente habilitados academicamente, asseguram uma média de 10 sessões por dia em escolas de diferentes concelhos. Enquanto uma equipa percorre escolas de Guimarães, outra assegura atividades em Fafe ou Póvoa de Lanhoso ou até Mondim e Celorico de Basto. Caso para dizer que estamos perante uma verdadeira digressão em que



a Ciência e as atividades experimen-

tais são as estrelas principais.





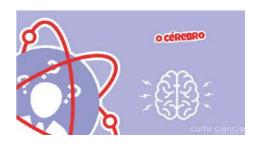
HÁ MAR E MAR

O oceano cobre mais de 70% da superfície da Terra e alberga inúmeras espécies. Mas as zonas de elevada proteção representam menos de 3% da área total do oceano.

CÉREBRO

Cientistas portugueses criaram modelos de metástases cerebrais humanas em ratinhos, o que permitirá estudar melhor os tumores cerebrais e testar novos medicamentos.





10









MATERIAL ELÉTRICO







ACESSÓRIOS



Rua Nossa Senhora da Ajuda (EN105), 101, Moreira de Cónegos **4815-368 Guimarães**



Tlf: 253 521 315



info@casadasbaterias.com







PARCERIA NA VIDA E NAS PISTAS DE DOWNHILL

FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO



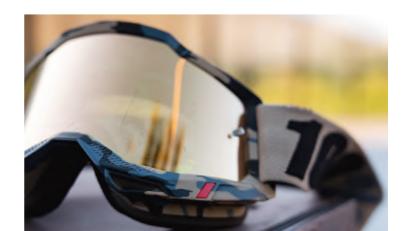
Ricardo Soares e Afonso Soares partilham em conjunto toda a adrenalina do downhill, provas de ciclismo disputadas na natureza das montanhas.

São pai e filho, mas a cumplicidade entre ambos vai muito mais além das ligações familiares. Falamos de Ricardo Soares, de 43 anos, e do filho Afonso, de 12 anos, cuja amizade e cumplicidade é visível em cada pormenor e também nas pistas de downhill, uma vertente do ciclismo que consiste em descidas rápidas em montanhas.

Ricardo Soares tem no currículo três taças de Portugal e foi três vezes vice-campeão nacional. O palmarés até podia ser melhor, mas um grave acidente em Andorra, numa Taça do Mundo, ditou um interregno de seis anos. A explicação para o regresso é simples. "Como surgiu a possibilidade de o Afonso começar a correr, decidi superar o trauma para o acompanhar e também para competir. Parti a tíbia e o perónio, ficando cinco dias hospitalizado e mais de mês e meio em Portugal em recuperação. Mas o vício permaneceu sempre vivo dentro de mim. Aliás, sempre gostei de desportos de duas rodas. As motas são outra paixão", confessou. Superado o trauma do acidente, Ricardo Soares garante ter apoiado o filho na decisão de praticar downhill. "Tenho pensamento positivo, mas ando sempre de coração nas mãos. Sou pai, mas também sou o melhor amigo dele. Não quero travar os sonhos do meu filho, só porque tive uma grande infelicidade", adiantou.

No ano do regresso, foi campeão nacional de Masters 40, mas o título é sempre relegado para segundo plano. "São apenas troféus.









"NÃO QUERO TRAVAR OS SONHOS DO MEU FILHO, SÓ PORQUE TIVE UMA GRANDE INFELICIDADE"

Ricardo Soares

O que mais importa é acompanhar o meu filho e saber que ele é feliz. Depois, é usufruir da emoção e da adrenalina que o downhill proporciona. A rivalidade é saudável, não há violência e é praticado na natureza", lembrou.

O jovem Afonso Soares, pela Guimagym, foi campeão nacional de ginástica acrobática por equipas, mas o gosto pelo downhill está no sangue. "O facto de ser um desporto praticado na natureza foi o ponto de partida para iniciar. Depois, a paixão que o meu pai tem pela modalidade acentuou o meu desejo de começar. Lembro-me do acidente do meu pai, mas quando se desce não se pensa nisso. O que acontecer, aconteceu", disse. "Gostava muito de conseguir o que o meu pai conseguiu, ser campeão nacional e ficar na história. E participar numa Taça do Mundo. Ele ficará muito orgulhoso", sorriu. "O Afonso tem todas as condições para superar o que fiz. Começou mais cedo e tem talento", completou Ricardo Soares.





Trabalhos de pichelaria, aquecimento, etc.

Ricardo Soares 934 334 887

Pevidém, Guimarães

Parceria

DECO INFORMA: SAIBA EM QUE SITUAÇÕES PODE RESCINDIR O CONTRATO COM UMA AGENCIA DE VIAGENS



O cliente pode rescindir o contrato a todo o tempo, sem ter de apresentar motivos especiais para isso. Nesse caso, a agência deve reembolsá-lo do montante já pago, deduzindo os encargos a que, comprovadamente, o início do contrato e a rescisão tenham dado lugar, e uma percentagem do preço não superior a 15%.

Em caso de impossibilidade de cumprimento da agência por motivos alheios a si, o cliente deve ser imediatamente informado. Se a impossibilidade respeitar a alguma obrigação essencial, o cliente pode rescindir o contrato sem qualquer penalização ou aceitar por escrito uma alteração ao contrato e eventual variação de preço. É imprescindível que o cliente comunique à agência a sua decisão no prazo de sete dias seguidos após a notificação da impossibilidade de cumprimento.

Informe-se sobre a rescisão ou cancelamento não imputável ao cliente. O cliente tem o direito a ser imediatamente reembolsado de todas as quantias pagas, caso rescinda o contrato por alteração indevida do preço ou impossibilidade de cumprimento, por facto alheio à sua responsabilidade, ou a agência cancele a viagem antes da data da partida. Em alternativa, poderá optar por participar numa outra viagem organizada, sendo reembolsado da eventual diferença de preço.

Conte com o apoio da DECO MINHO através do número de telefone 258 821 083, do endereço eletrónico deco.minho@deco.pt. Siga-nos nas redes sociais Facebook, Twitter, Instagram, Linkedin, Youtube e no nosso site DECO!



1/1

CIDADE

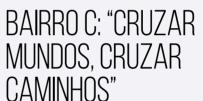




COLETIVO MADRÔA EM DIÁLOGO COM AS COLEÇÕES DO MUSEU

Pela primeira vez, o Museu de Alberto Sampaio abre as salas de pintura e ourivesaria a criações de cariz contemporâneo, criando pontes entre a arte de séculos passados com as criações dos nossos dias. O coletivo Madrôa deu já as boas vindas a este projeto.

Em criação desde o início do ano, foram desafiados a criar para um espaço marcado pela pré-existência de obras de arte em sintonia com o conteúdo expositivo. Nesta procura de diálogo e harmonia, mas também confronto, surge uma série de trabalhos originais, criados para este momento.



A 2ª edição da Open Call nas áreas de Arte Pública e Programação Cultural convoca a diversidade de expressões artísticas que se encontra no CIAJG, e a ideia de que é necessário inventar novos "caminhos" que cruzam a praça onde está inserido o museu.

As propostas apresentadas requerem um caráter temporário até seis meses e devem deter-se na especificidade local, do ponto de vista espacial, urbano, arquitetónico, mas também na sua especificidade relacional, social e cultural. A entrega de propostas decorre até 15 de junho.



A MAIS BONITA PEQUENA CIDADE

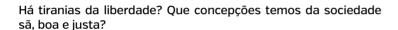
De acordo com a revista de viagens Condé Nast Traveler, Guimarães está entre as pequenas cidades mais bonitas da Europa. O artigo publicado, "The Most Beautiful Small Towns in Europe", reúne um total de 26 cidades que, pela sua beleza, se destacam das demais.

A cidade-berço ocupa o primeiro lugar da lista. "Deixe-se inspirar pela vertente histórica do centro da cidade, classificado pela UNESCO, repleto de excelentes exemplos da arquitetura portuguesa com mais de 600 anos", descreve a jornalista Caitlin Morton.



Pensadores de Vulto Por André Veríssimo

CAPÍTULO 12 — A EXPERIÊNCIA MISTERIOSA DE PROUST



O grande banqueiro e notável especulador... uma ideia que sem importância passou pela imaginação. A imaginação dum anarquista que é que foi e é! Em que se pode ser anarquista?

O anarquismo operário e do banqueiro há diferença. As teorias sociais são as mesmas... as teorias e as práticas são iguais... O que mostra a vida com a sua atenção lúcida...O anarquismo não tem valor distinto ao vulgar. O Anarquismo e a prática da vida... O que é o anarquismo? É uma teoria e a prática da absoluta conformidade. A vida dos operários está fora do anarquismo. A unidade perfeita está no banqueiro que religa a teoria e a prática.

O canto de Álvaro de Campos (AC) o mais jovem dos heterónimos, o engenheiro, o civilizado, o educado no estrangeiro gostaria de ter ante os meus olhos só os veleiros e barcos de madeira, de não saber de outra vida marítima senão a antiga vida dos mares, porque os mares antigos são a distância absoluta, o puro distante liberado do peso do actual. Gente, gente de boné, gente de jersey de lã, gente de âncoras e bandeiras cruzadas bordadas no peito, gente tatuada, dente de cachimbo, gente murada, gente tisnada de tanto sol, curtida de tanta chuva.

E depois de Pessoa?

A experiência de Proust sempre pareceu misteriosa pela importância que ele lhe confere, fundamentada em fenómenos aos quais os psicólogos não atribuem nenhum valor de excepção, embora tais fenómenos talvez já tivessem afectado perigosamente Nietzsche. Mas quaisquer que sejam as "sensações" que servem de cifra à experiência que ele descreve, o que a toma essencial é que ela é, para ele, experiência de uma estrutura original do tempo, a qual (ele tem, em certo momento, plena consciência disso) se relaciona com a possibilidade de escrever, como se essa brecha o tivesse introduzido bruscamente no tempo próprio da narrativa, sem o qual pode escrever, e o faz, mas ainda não começou de facto a escrever. Experiência decisiva, que é a grande descoberta do Tempo redescoberto, seu encontro com o Canto das Sereias, da qual ele tira, de modo aparentemente absurdo, a certeza de que agora ele é um escritor. Por que esses fenómenos de reminiscência, embora muito felizes e perturbadores, esse gosto de passado e de presente que sente subitamente na boca, poderiam, como ele afirma, livrá-lo das dúvidas que o atormentavam até então acerca de seus dons literários? Não é absurdo, como pode parecer absurdo o sentimento que um dia, na rua, arrebata o desconhecido Raymond Roussel e lhe dá, de um só golpe, a glória e a certeza da glória? "Como no momento em que eu experimentava a Madelei-



André Veríssimo Empresário, Investigador Universitário, Ensaísta

ne, toda inquietude sobre o futuro, toda dúvida intelectual se dissipavam. Aquelas que me atormentavam havia pouco a respeito da realidade de meus dons literários, e até mesmo a realidade da literatura, achavam-se anuladas como por encanto." Vê-se que aquilo que lhe é dado, ao mesmo tempo, é não apenas a certeza de sua vocação, a afirmação de seus dons, mas a própria essência da literatura que ele tocou, experimentou em estado puro, sentindo a transformação do tempo num espaço imaginário (espaço próprio das imagens), naquela ausência móvel, sem acontecimentos que a dissimulem, sem presença que a obstrua, naquele vazio sempre em devir: o longe e a distância que constituem o meio e o princípio das metamorfoses e do que Proust chama de metáforas, ali onde não se trata mais de fazer psicologia, mas onde, pelo contrário, já não há interioridade, pois tudo o que é interior se abre para o exterior, tomando ali a forma de uma imagem. Sim, nesse tempo tudo se toma imagem, e a essência da imagem é estar toda para fora, sem intimidade, e no entanto mais inacessível e mais misteriosa do que o pensamento do foro interior; sem significação, mas chamando a profundidade de todo sentido possível; irrevelada e, no entanto, manifesta, como a presença-ausência que constitui o atrativo e o fascínio das Sereias. E nós mesmos chegamos a outra dúvida, a outra interrogação que concerne às condições nas quais acaba de realizar-se a experiência tão importante à qual toda a sua obra está ligada. Onde ocorreu essa experiência? Em que "tempo"? Em que mundo? E quem é que a viveu? Proust, o Proust real, o filho de Adrien Proust? Ou o Proust já escritor, contando, nos quinze volumes da sua obra grandiosa, como se formou sua vocação, de maneira progressiva, graças à maturação que transformou o menino angustiado, sem vontade e particularmente sensível, naquele homem estranho, energicamente concentrado, absorto na pena à qual se comunica tudo o que ele ainda tem de vida e de infância preservada? Nada disso, sabemos. Nenhum desses Proust está em causa. As datas, se necessárias, o provariam, já que a revelação à qual o tempo redescoberto alude, como sendo o acontecimento decisivo que fará projectar a obra que ainda não foi escrita, ocorre - no livro - durante a guerra, numa época em que Swann já está publicado e grande parte da obra, composta. Então Proust não diz a verdade? Mas ele não nos deve essa verdade, e seria mesmo incapaz de dizê-la. Ele só poderia exprimi-la, tomá-la real, concreta e verdadeira, projetando-a no próprio tempo em que ela é realizada e do qual a obra depende: o tempo da narrativa na qual, embora ele diga "Eu", não é mais o Proust real nem o Proust escritor que tem o poder de falar, mas a sua metamorfose na sombra que é o narrador tomado "personagem" do livro, o qual, na narrativa, escreve uma narrativa que é a própria obra e produz, por sua vez, as outras metamorfoses dele mesmo que são os diversos "Eus" cujas experiências ele conta. Proust tornou-se inacessível porque ficou inseparável da metamorfose quádrupla que é apenas o movimento do livro em direção à obra.

lória? "Como no

VIDA POR VIDA:

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DAS TAIPAS CELEBRAM 135 ANOS

FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS



Os Bombeiros Voluntários das Taipas assinalaram, no passado dia 01 de maio, o seu 135º aniversário. Sob o lema "Vida por Vida", a corporação retomou as habituais comemorações, depois de dois anos de pandemia.

A cerimónia teve início com a imposição de medalhas às bombeiras e aos bombeiros, por serviços prestados e por mérito, a que se seguiu a bênção das novas viaturas e a sessão protocolar no Salão Nobre.

Presente na sessão solene esteve o presidente da Câmara Municipal

de Guimarães, Domingos Bragança, que parabenizou a corporação e os seus órgãos sociais, e disse sentir-se também um bombeiro. "Os bombeiros abraçam a causa humanitária", afirmou.

União, dedicação, entrega, paixão e exemplo de vida foram alguns dos epítetos utilizados no discurso do edil vimaranense, que disse que "a Câmara Municipal é um parceiro dos Bombeiros das Taipas".

Para além de Ernesto Soares, comandante da corporação em regime de substituição, foram homenageados outros comandantes e chefes que agora passaram ao quadro de honra da associação.

PUB





CAMPANHA DE PRIMAVERA

APROVEITE OS DESCONTOS



Av. D. João IV - 1147 4800-532 Guimarães Tel. 933 578 928 geral@enedecor.pt www.enedecor.pt

1º TORNEIO DE PETIZES ATIVA IMOBILIARIA JUNTOU OITO EQUIPAS NO PARQUE DESPORTIVO DA REBOREDA

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

O Torneio de Futebol Ativa Imobiliária, organizado pelo Ases no passado dia 1 de maio, será um evento para repetir. A primeira edição contou com as equipas do Ases, Sandinenses, Brito, Vitória, Amigos de Urgeses, Unidos do Cano, Taipas e Famalicão, mas perante o sucesso do evento, a iniciativa voltará a brilhar no parque desportivo da Reboreda em 2023.

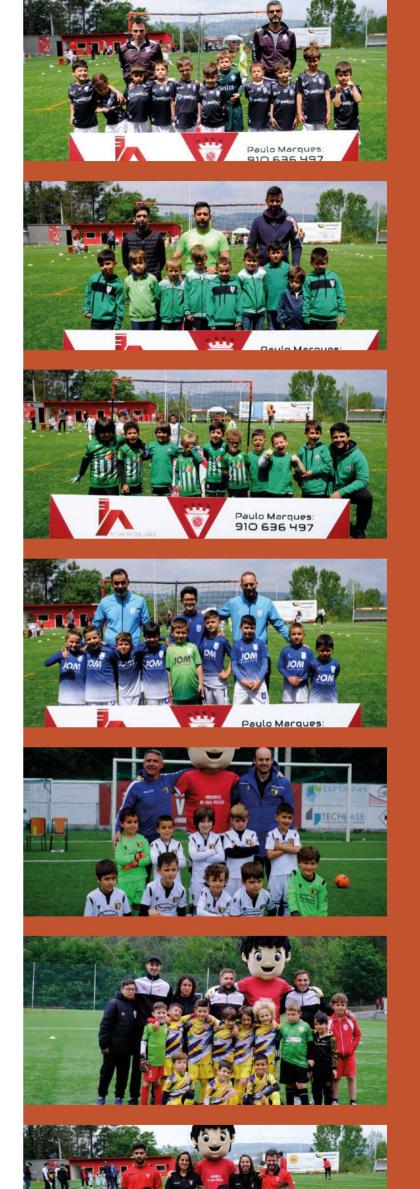
"O balanço é extremamente positivo, pois tivemos qualidade nas equipas e nos intervenientes. Foi um sucesso e os pais ficaram satisfeitos com a organização. Tivemos grande participação nas bancadas e com um grande ambiente", revelou Carlos Neves, presidente do Ases.

"É um torneio para repetir. Face ao sucesso e à satisfação de todas as partes envolvidas, queremos repetir no próximo ano", concluiu.

Já Paulo Marques, patrocinador do torneio, mostrou-se também "muito satisfeito" com a forma como decorreu o evento, destacando a "alegria com que todos os atletas disputaram os seus jogos e demonstraram ao longo do tempo que permaneceram no Parque Desportivo da Reboreda".









FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

O vimaranense Luís Alves, de apenas 16 anos, estreou-se no Campeonato de Espanha de Karting. À Mais Guimarães, o jovem piloto falou das suas expetativas para a presente temporada e para o futuro.

Decidiu, na presente temporada, participar no campeonato espanhol de karting. Quais são as suas expetativas?

O principal objetivo será conseguir terminar no top 10 no final do campeonato, mas também quero e vou lutar para conseguir fazer alguns pódios.

A segunda prova é já no final de maio. Tem metas traçadas?

Conheço a pista (Valência) e é a minha favorita de Espanha. Estou otimista. Poderemos conseguir aqui um top 5 ou talvez mesmo um pódio.

Nível de competição mais forte em comparação com o português?

Muito mais forte e difícil. O campeonato espanhol é um dos mais competitivos do mundo e tem pelo menos 20 pilotos com andamento para ganhar.

Como tem sido competir com pilotos mais velhos e experientes?

Na minha Categoria (X30) as idades começam nos 14 anos. Não há muitos pilotos que sejam mais velhos. Agora, sem dúvida, há muitos concorrentes mais experientes neste campeonato. Mas isso é bom. Obriga-me a estar sempre no máximo.



Quatro vezes campeão nacional... Há uma grande responsabilidade?

Sim. Quando corremos no estrangeiro temos sempre a responsabilidade de fazermos boa figura a representar o nosso país. Além disso, quando se tem muitos títulos, as pessoas vão sempre exigir que tenhamos bons resultados.

Sendo jovem, ainda com 16 anos, quais são as metas para o futuro?

Quero ser piloto profissional de corridas. É a primeira grande meta. Mas gostava muito de correr em LMP (Le Mans Prototype), que são os carros das 24 horas de Le Mans.

Ouem é o seu ídolo na modalidade?

Na modalidade dos karts não tenho nenhum, mas no desporto automóvel o meu maior ídolo é o Ayrton Senna.

Como nasceu a paixão pelos karts?

No kartódromo de indoor de Famalicão, quando andei pela primeira vez. Tinha quatro anos. Foi um amor à primeira vista.

Como é a preparação física do Luís?

Vou ao ginásio todas as semanas, com um Personal Trainer para fazer um treino específico. O kart é um desporto que exige muito do físico.

lsso obriga a hábitos alimentares rigorosos?

Bastante. Como atleta de alta competição temos de ter uma boa alimentação. Além do trabalho de ginásio, também sou acompanhado por uma nutricionista.

Ainda estuda. O que pretende seguir?

Frequento o 10.º ano na escola Francisco de Holanda. O objetivo é seguir uma área que me ligue ao desporto.

É jovem, mas com responsabilidades. Como consegue ter uma vida normal?

Com muito apoio da família, dos amigos da escola e dos karts. A nível competitivo, deixar naturalmente um obrigado aos patrocinadores. Sem eles, toda esta aventura não seria possível. Espero e vou lutar sempre para estar à altura da responsabilidade e da confiança que depositam em mim.



DIA MUNDIAL DO ENFERMEIRO "A ARTE DE CUIDAR DO OUTRO"

TEXTO: JULIANA MACHADO • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

A propósito do Dia Mundial do Enfermeiro, que se assinala a 12 de maio, a Mais Guimarães esteva à conversa com sete dos 800 profissionais de enfermagem do Hospital Senhora da Oliveira de Guimarães (HSOG). Fomos perceber quais os principais desafios e motivações da profissão.

Nas diversas especialidades, há um sentimento que é comum a todos: o sentimento de pertença, entreajuda e dedicação. Ana Luísa Bastos é enfermeira diretora do HSOG e é um rosto muito

Ana Luísa Bastos é enfermeira diretora do HSOG e é um rosto muito familiar na unidade hospitalar.

"Sempre me fascinou poder fazer a diferença na vida das pessoas", apontou Ana Luísa Bastos como o principal motivo que a levou a abraçar a profissão há 30 anos.

É um cargo que classifica como "muito desafiante" e "muito exigente", pela constante "análise do desempenho dos profissionais, a garantia da segurança e qualidade dos cuidados de enfermagem que prestamos", lembrando que "tudo isso implica uma gestão diária e um planeamento estratégico".

"A enfermagem é uma profissão que além da base científica e da importância do tratamento, prevenção e promoção da saúde, tem também um lado humano muito importante", explicou.

Os desafios da profissão são muitos, entre eles a gestão com a vida pessoal. Os horários rotativos são o principal motivo de desgaste, até porque, na maioria das vezes, "tanto se trabalham tardes, como manhãs ou noites", o que faz com que "o ciclo circadiano fique comprometido".

Admitindo que os enfermeiros têm uma vida um pouco "louca", não pode deixar de existir espaço para "a família, os amigos, as saídas e tudo aquilo que é inerente à vida social".

Durante as três décadas de carreira diz ter vivido "muitos momentos felizes, mas também muitos momentos tristes". Entre os mais positivos destaca "ter participado da notícia de um jovem, com menos de 18 anos, que fazia hemodiálise, e que ia receber um transplante de rim". "Foi um episódio emocionante porque eu tinha uma

ligação de doente/enfermeiro de longa data", acrescenta.

Mas se há pequenas alegrias diárias que dão um novo fôlego, há também momentos que marcam pela negativa. É a prova de que assistir ao sofrimento do outro também deixa mazelas.

"Houve algumas mortes de meninos que me provocaram alguma dor. Há sempre uma forte ligação com os miúdos porque acontece de estarem muito tempo internados", começa por explicar.

Dos muitos episódios que viveu, destaca um: "Uma família, uma mãe e um menino, vieram à urgência. O menino ficou cá internado e, quando esta se dirigia para ir buscar roupa para o filho a casa, acabou por falecer num acidente de carro. Nós tivemos que transmitir essa notícia ao menino, que tinha o pai emigrado", contou, visivelmente abalada pela memória.

Elencando que a pandemia da covid-19 veio "enaltecer a importância da profissão", a responsável garante que "os profissionais de saúde são, atualmente, pessoas altamente qualificadas, quer do ponto de vista científico, quer do ponto de vista humano".





Ana Rita Eusébio é enfermeira do Serviço de Pediatria, mas esse nem sempre foi o seu lugar. Antes de chegar ali chegar passou pelos adultos, no serviço de medicina, depois pela neonatologia.

O sucesso na "capacidade de conseguir tratar" e a "ligação com as crianças e com as suas famílias" são aquilo que a apaixona na profissão e na área da pediatria.

Nos momentos mais difíceis, diz envolver a "família e os amigos" porque "é mais forte que nós", apontou. Ainda assim, na generalidade, "consegue-se interligar tudo e corre muito hem"

"Os meninos que nos tocam mais são aqueles que agravam muito o estado e precisam de ser transferidos para unidades de cuidados intensivos, especialmente quando voltam e nos procuram para dar o feedback", explicou a profissional de saúde, acrescentando que "não há explicação, mas toca-nos"

Para Ana Rita Eusébio, ser enfermeira é a "arte de cuidar e a empatia".



Do outro lado do corredor, cruzamo-nos com Bruno Pinto. Nas suas palavras, ser enfermeiro do Serviço de Neonatologia, do qual faz parte há 19 anos, "é um privilégio".

"Costumo dizer que este é o sítio onde a taxa de sucesso é mais elevada no hospital, daí ser tão gratificante trabalhar aqui", revelou.

Destacando que as dificuldades da profissão "são transversais a quase todas as áreas hospitalares", não esconde que a conjugação de horários é a pior parte.

"Quando começamos a ter filhos, as coisas tornam-se mais complicadas", explicou o enfermeiro que, por ser casado com alguém que partilha a mesma profissão, tem dificuldades redobradas. No serviço de Neonatologia, "aprende-se a gerir as emoções", ainda que nem sempre seja fácil. Mutas vezes, tratam-se de "internamentos longos e acabamos por construir relações com os pais que duram para o resto da vida".

A seu ver, "desafiante, estimulante e recompensadora" são as palavras que melhor definem a profissão.



Olga Castro acompanha, diariamente, novas vidas. Enfermeira no Serviço de Obstetrícia há 19 anos, refere que a "mística relacionada com o nascimento" foi aquilo que mais a atraju na área.

"Já tive a oportunidade de trabalhar em todas as áreas de obstetrícia, desde a consulta, à sala de partos e internamentos de gravidezes de risco. Agora, estou de regresso ao pósparto".

Trabalhar nesta área "é de uma nobreza que salta à vista de todos porque acompanhamos um momento muito importante – o início de vida".

A profissional de saúde explica que o "desafio é constante", porque, enquanto que na área da prestação de cuidados lidava mais com as necessidades dos utentes diretamente, agora lidera uma equipa e "é importante responder às suas necessidades e ambicões".

Na sua perspetiva, ser enfermeira é "ser privilegiada, é ser e estar na vida das pessoas, desde que nascem até que morrem, e é estar ao servico da comunidade".



Prestes a completar 35 anos de carreira, Fernando Rocha está na linha da frente do Serviço de Urgência. Quando escolheu a profissão "as expectativas eram muitas" e desde cedo entendeu que "é uma profissão digna e que merece ter um outro relevo no enquadramento daquilo que são os profissionais de saúde, até porque está presente em todo o ciclo vital".

Conta-nos que o "gosto pela enfermagem nasceu na infância" e isso refletia-se até nas suas brincadeiras de criança.

"A área de urgência sempre me despertou interesse. É algo que me motiva no dia a dia e me faz chegar à instituição com energia para mais um dia. Acaba por ser um desafio constante porque nunca sabemos bem o que vai acontecer". contou.

Para Fernando Rocha, ser enfermeiro "é gratificante, é estar disponível, é ser útil e fazer parte da vida das pessoas em todo o seu percurso".



Céu Antunes não teve dúvidas na hora de escolher a sua carreira profissional. A enfermeira da Unidade de Cirurgia de Ambulatório revela que sempre sentiu dentro de si uma "necessidade de ajudar, de estar com o outro e ser amiga".

Entre as principais dificuldades no seu dia a dia destaca o "elevado número de atividades que desenvolve num curto espaco de tempo".

Com a consciência que "o enfermeiro tem sempre uma palavra amiga", Céu Antunes refere que os enfermeiros são aqueles que estão "mais próximos das pessoas" e, mais do que "ouvintes", chegam a ser "confidentes".

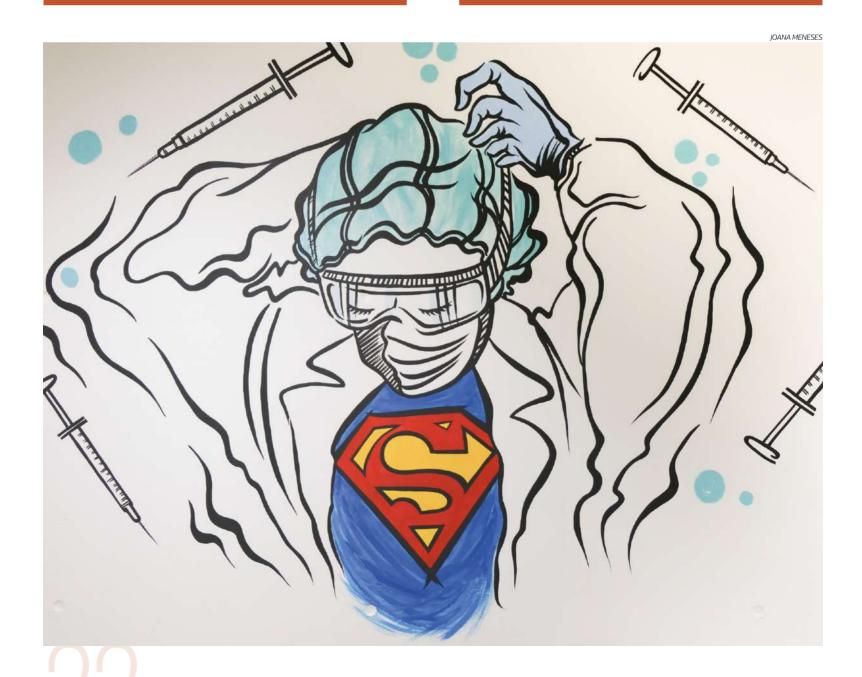
"Ser enfermeiro è ser pessoa que cuida de pessoa, é trabalhar com a vida humana e promover a saúde", conclui.



Ana Margarida Costa sempre teve a profissão presente na sua vida, através da sua mãe. Desde cedo percebeu "o impacto que um enfermeiro pode ter, não só como agente facilitador, mas também como educador nas mais diversas situações".

A seu ver, a motivação para a profissão "é um processo contínuo" do qual fazem parte "as pessoas que contribuíram para a formação base, o apoio das chefias, os colegas, o exemplo dos pares e as relações que se criam com as pessoas". A escolha do Serviço de Urgência, que integra há quatro anos, surgiu da perceção de que estes profissionais podem realmente fazer a diferença. "Neste serviço não temos um acompanhamento prolongado da pessoa, mas somos o seu primeiro contacto numa situação de doença, muitas vezes aguda".

"Enfermagem é empatia, humanismo e dedicação", classifica Ana Margarida Costa.







VIVER A ACADEMIA ENTRE OS ENSAIOS E A FOLIA

TEXTO: IOANA MENESES • FOTOGRAFIAS: CI ÁLIDIA CRESPO

Em mês de Enterro da Gata, Margarida Silva, Magister da Tun'Obebes, e Igor Fernandes, Magister da Tuna Afonsina, estiveram à conversa com a Mais Guimarães. É no Bar Académico que, no piso superior, as duas tunas vimaranenses ensaiam. Lado a lado.

Fundada a 11 de dezembro de 1992, a Tuna Feminina de Engenharia da Universidade do Minho, nasceu no Círculo de Arte e Recreio, apadrinhada pela Opum Dei. O primeiro ensaio realizouse em janeiro de 1993 e a estreia aconteceu no clássico teatro Jordão, em maio, nas comemorações do Enterro da Gata.

Dois anos mais tarde, em março de 1994, no emblemático Café Óscar, um grupo de jovens estudantes da Universidade do Minho decidiu dar início à Tuna de Engenharia da Universidade do Minho.

O que é que faz um magister numa Tuna?

Margarida Silva (MS): Acho que se pode dizer que passa tudo por nós. Tudo o que acontece aqui, nós sabemos basicamente tudo.

Igor Fernandes (IF): Uma tuna é uma máquina em movimento. Se parar uma roda, a roda do topo, aquilo deixa de funcionar, e os magisters são isso, quem mantém a máquina a trabalhar. Como a Margarida disse, passa tudo por nós, mesmo ao nível de gestão.

Pensar em tudo, falar com as entidades, falar com estes, falar com aqueles, gerir as pessoas da tuna – isso é a parte mais difícil -, e tentarmos, nesse processo todo, ter ideias e juntar pessoas para concretizar essas ideias e conseguirmos fazer as nossas atividades não iguais àquilo que se costuma fazer, mas sempre fazer alguma coisa diferente e evoluir um bocado.

Qual é a história da Tun'Obebes e da Afonsina?

MS: Nós nascemos primeiro que eles, por isso posso começar. Acho que era o que faltava aqui. Nascemos primeiro, em 92. Eles vieram logo a seguir. A Tun'Obebes, primeira tuna feminina e primeira tuna de engenharia da Universidade do Minho, nasceu da vontade de viver a vida académica ao máximo, em 1992, com o apoio do CAR - Círculo de Arte e Recreio, onde teve a sua primeira sala de ensaios. Fazer parte da tuna é fazer parte de uma família. Nós estamos aqui, convivemos, tocamos música, mas, acima de tudo, fazemos todos parte de uma família. Acho que foi isso que levou a que a Tun'Obebes fosse criada.

IF: A Afonsina foi fundada no Café Óscar, como muita gente sabe, em 94, dois anos depois da Tun'Obebes. Naquela altura, o que primou foi, acima de tudo, a amizade que aquelas pessoas tinham. Eram pessoas que tocavam instrumentos ou queriam aprender a tocar instrumentos e olhavam para a Universitária do Minho como

uma tuna que fazia as suas coisas em Braga... Faltava aqui em Guimarães uma tuna masculina. A Tun'Obebes tinha dado o primeiro passo e aquele grupo de pessoas decidiu dar o passo de criar uma tuna masculina e criaram a Tuna de Engenharia. Contaram com apoio do senhor Castro e da dona Joaquina no café Óscar e, a partir daí, a tuna foi evoluindo, passando os seus momentos de altos e baixos... Mas ainda cá estamos hoje.

Sentem que Guimarães está aberto a este tipo de grupos?

MS: Acho que já vimos de tudo um pouco. Acho que agora, se calhar com a vinda do covid... Nós temos aqui os nossos alunos da Universidade do Minho e temos bastante vida académica também. Tentamos sempre fazer eventos que vão puxar não só malta dos grupos culturais quer daqui quer de Braga, mas puxar a vida académica um pouco até nós também e mostrar que as tunas não são só fazer música, são muito mais do que isso.

IF: A cidade vai-nos começando a conhecer. Aos poucos, mas vai. Nota-se uma evolução no crescimento que as tunas têm tido em Guimarães e as pessoas a falarem sobre nós e a virem aos nossos eventos e principalmente aos nossos festivais. Se não fossem os dois anos de covid, estariam ainda mais pessoas do que aquilo que estiveram nos últimos, e nota-se que as pessoas quando nos veem vão sempre atrás de nós. Sempre que andamos aí pela rua, no meio da cidade, as pessoas veem pessoal trajado com instrumentos às costas e vêm tentar ver um bocado daquilo que nós fazemos. Depois é aquela questão da universidade em termos académicos, porque se fecha um bocado aqui à zona de Azurém, mas já se vai tentando, aos poucos, expandir mais para o para a zona central. Começa a haver um reconhecimento geral daquilo que todos nós fazemos.







Toda a gente conhece a rivalidade Guimarães Braga. Sentem isso nos grupos culturais?

IF: A rivalidade Guimarães Braga na universidade não é a rivalidade vivida nas duas cidades. É diferente. Braga tem mais pessoas. O polo de Gualtar tem bastante mais alunos que o polo de Azurém, o que faz bastante diferença logo à partida. Mas, por outro lado, eles têm muitos mais grupos culturais. Nós só somos dois. Apesar da diferença do número de pessoas, penso que tanto a Afonsina como a Tun'Obebes conseguem beneficiar do facto de serem tunas isoladas. O mais difícil talvez seja a vida académica. Braga tem uma vida académica bem maior do que Guimarães.

Com estes dois anos de pandemia, foi fácil trazer novos estudantes para as tunas? Como é que lidaram com dois anos parados?

MS: Fácil não diria, mas como esteve parado para nós dois anos, também esteve para as pessoas. Tivemos bastantes novas estudantes a entrar, o que foi bastante bom e que não entraram mais cedo por causa do covid. Se foi fácil sair da era do covid? Não. Foi muito difícil voltar às atividades ou outras coisas que nós tínhamos planeado e ter o público que nós queríamos. É uma coisa que ainda estamos a batalhar bastante.

IF: Para nós foi um bocado diferente. Há uma parte que foi bastante igual à Tun'Obebes, a parte dos novos elementos. Havia muita gente que queria entrar para as tunas e não o fez por causa dos anos de paragem. Nós tivemos a sorte de sermos a única tuna que consequiu realizar o festival na altura, ainda em 2020. Tivemos muita sorte, porque bastava ter sido uma semana depois e ia tudo pelo charco. Já aquele festival foi, na altura, um festival com bastante gente e sentia-se, cada vez mais, a evolução do público. A Afonsina este ano teve dificuldades em regressar às atividades, como é óbvio. Havia muitos entraves a todas as atividades, a própria organização do Cidade Berço implicou muitas dificuldades a nível de restrições. Tivemos que colocar um recinto improvisado com cadeiras, coisa que nunca tinha acontecido. Foram questões que foram dificultando, mesmo os próprios alojamentos para trazer as tunas cá. Mas tivemos um retorno incrível. Em 16 festivais, foi o com mais casa, com maior número de bilhetes vendidos. Tivemos duas noites repletas e para a Afonsina foi um regressar em grande, mesmo. Vamos no nosso quarto festival, este ano, sem contar com o Cidade Berço e está a ser um regresso em cheio.

MS: Para nós, podermos voltar a realizar o Serenatas ao Berço foi muito bom. A última edição do Serenatas ao Berço foi em 2019. Foi bastante bom conseguimos voltar, mas é como o Igor diz, um

festival não se prepara com dois meses de antecedência. Fomos, a Afonsina mais do que nós, fazendo as coisas e pensar sempre no plano B. Nós tivemos a sorte de as restrições terem sido levantadas antes do festival, mas tínhamos que ter sempre um plano B para alguma das coisas que pudesse voltar um passo atrás e ter esse cuidado.

Como é o ambiente que se vive nesses festivais? Não só os vossos, mas naqueles onde vão também.

MS: O convívio intertunas é bastante bom, não só para os copos, como toda a gente diz, mas para conhecer como é a realidade noutros a nível nacional. Não é tudo igual. Mesmo aqui, o festival da Afonsina não é igual ao da Tun'Obebes. Não é igual a Braga. O conceito é o mesmo praticamente em todo o lado, mas há coisas que são vividas de outras formas e feitas de outras formas e é sempre bom conhecer essa realidade e estar noutros festivais que não os nossos.

IF: Uma pessoa vai por aí abaixo, faz contactos com outras tunas, conhece outras realidades... Acabamos sempre por ter aquela expectativa de que nós viemos a este festival, vamos apresentar-nos a novos públicos, vamos receber novos seguidores e eventualmente esse reconhecimento. A verdade é que vivemos de reconhecimento e se nós não tivermos esse reconhecimento por parte do público, dificilmente seremos convidados para outros festivais. Irmos a essas cidades, atuarmos e chegarmos cá fora e o pessoal curtir de nós, as outras tunas virem à nossa beira, falarem connosco... Cria-se ali uma rede de conhecimento que ajuda e, às vezes, basta fazer um telefonema e conseguimos fazer uma tuna vir a Guimarães ou vice-versa. Basta fazer um telefonema que nós vamos a uma cidade se for preciso, de norte a sul do país, vamos a qualquer lado. Às ilhas é mais difícil um bocado, mas já fomos. Já fomos os dois.

O que é que vocês acreditam que vos distingue do panorama nacional?

IF: [risos] Vocês fazem sempre essa pergunta. Posso ir buscar cábulas?

MS: [risos] É mais difícil. Acho que é um pouco a diversificação, o ambiente. É um pouco de tudo, acho eu. Não se consegue ter numa tuna o que se tem noutra. As tunas são compostas por pessoas, todas com valências diferentes e que trazem valências novas para acrescentar ao grupo.





IF: Não há duas tunas iguais. Cada tuna tem a sua forma de viver, porque as pessoas têm as suas formas de fazer as coisas. A Afonsina não se rege pelo tradicional. Claro que fazemos algumas coisas tradicionais, se não não seríamos uma tuna. Mas o nosso espetáculo não é um espetáculo montado na base daquilo que se vê nas tunas do Porto, de Coimbra, e por aí fora. Nós vamos muito por aí e procuramos sempre arrojar um bocado naquilo que fazemos. Quando alguém me pergunta o que é que nos diferencia, digo para irem ver o nosso instrumental. Tentámos sempre não ser iguais, porque até o público, ao ver dois registos muito parecidos, a primeira tuna muito provavelmente vai ser a que terá um melhor registo. A segunda vai ser em comparação. Nós não sermos iguais a toda a gente, ou não sermos muito parecidos aos outros, talvez ajude um bocadinho as pessoas a pensar "estas pessoas estão a fazer coisas diferentes".

E qual é o percurso de um estudante nas vossas tunas?

MS: Quando entram, são pré caloiras, vestidas de preto. Depois passam a caloiras, de vestido com as cores da tuna. Quando chegam a tunantes, substituímos o vestido pelo traje com algumas alterações.

IF: Nós temos um nome mais técnico. O nosso pré caloiro de pijama e capa é o pionés. Depois temos os peões, com a batina com a primeira cruz da Fundação. Quando passamos a tunos, Afonsinos, trocamos a batina pelo casaco e pelo tricórnio.

Quando a universidade acaba, pode continuar-se na tuna?

IF: Até os professores dizem isto, não é mentira e muita gente diz isto: uma vez na tuna, na tuna para sempre. Eu diria que a maioria dos membros ativos das tunas neste momento, tendo em conta que viemos da pandemia, são pessoas que já não são estudantes.

26

Vocês têm maioritariamente alunos de Guimarães, mas não só, nem só de engenharia...

IF: Qualquer estudante que queira participar na tuna está à vontade, é só aparecer. No caso da Afonsina, às terças e quintas.

MS: Nós é às segundas e quartas.

Já fizeram coisas em conjunto ou pensam fazer?

MS: Temos planos para o futuro. Nós tínhamos planeado fazer um evento que depois que com o covid tivemos que cancelar.

IF: O facto de sermos duas tunas, só, aqui em Guimarães e termos a nossa sala de ensaios encostada uma a outra, facilita este tipo de parcerias.

O estarem lado a lado influencia a forma aquilo que fazem e a forma como se apresentam?

IF: Acho que não, não tem grande impacto, sinceramente. Apesar de estarmos muito, muito tempo no mesmo espaço e nas mesmas zonas, acho que as duas tunas têm a sua identidade bastante marcada.

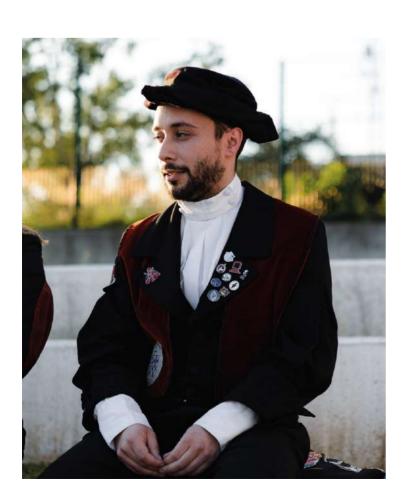
A Afonsina tem um CD, "O Primeiro". Há planos para o futuro?

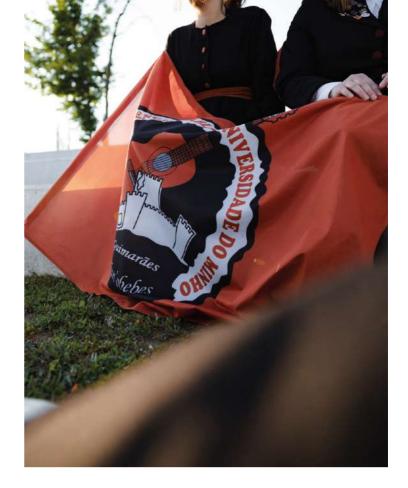
MS: Existe um plano para o futuro. Temos esse plano para lançar o nosso primeiro CD.

IF: Para o segundo álbum já foi dado o primeiro passo. Infelizmente, não pudemos continuar logo. Esperamos num futuro muito próximo conseguir concluir esse desejo de lançar "O Segundo". Quando estiver pronto, esperemos que as pessoas gostem tanto d'O Segundo quanto gostaram d'O Primeiro.

Quem é que normalmente escreve os vossos originais?

IF: No último original que nós temos, a Caravela, que tem ganho prémios a todos os festivais que vamos, a iniciativa começou por um tuno que foi nosso ensaiador. Começou a escrever a música, os acordes, os arranjos... Foi juntando mais pessoas da tuna e pessoal que percebe mais de música. Apesar de sermos grupos musicais, nem todos percebemos assim tanto. Há pessoal que chega e vai aprendendo aqui. A partir do momento que a música é apresentada à tuna, há sempre alguém que se lembra de alguma coisa e que até ficava bem e faz as alterações.





Vocês, Tun'Obebes, têm uma música sobre Guimarães que acredito que a levem pelo país fora. Como é a reação do público?

MS: Acho que é boa. Sempre que vamos a algum lado a receção do público é boa e acho que isso é bastante importante. É bom termos essa receção a nível nacional, não só em eventos da Universidade do Minho, nem só em eventos académicos, como eventos fora. No ano passado, por exemplo, fizemos uma atividade com lares de idosos. Começou por ser uma atividade online e depois fomos atuar nos lares. Não é por serem pessoas mais velhas, mas acho que é bom ter essa receção não só a nível dos estudantes e de toda a vida académica.

As pessoas, muitas vezes, associam as tunas só, lá está, às bebe deiras, serenatas e folia. Mas a verdade é que muitas vezes você: também têm essa vertente mais solidária.

MS: O nosso próprio festival teve esse cariz solidário. Uma parte da nossa bilheteira foi doada para uma associação aqui em Guimarães, Vencedores do Cancro Unidos pela Vida. Tanto nós como a Afonsina costumamos ter atividades que não sejam só da vida académica e isso é bastante bom para darmos a conhecer o nosso trabalho e o que é que nós somos, o que é que faz parte de nós, qual é a nossa identidade, a toda a sociedade.

IF: Às vezes é difícil chegar aos projetos. Mas sempre que alguém vem falar connosco, nós tentamos participar. Temos feito a nossa participação junto da Casa da Juventude. Tentamos sempre estar o mais próximos possível da comunidade. Fazemos parte dela.

Qual é que consideram ser a importância das tunas na Academia?

MS: É importante não ser só a vida académica que toda a gente está habituada. É um lado académico diferente. Tal como já referi, acho que fazer parte de uma Tuna, é fazer parte de uma família, é fazer amizades com pessoas que não conhecíamos e conhecer valências e coisas que nós não fazemos ideia que existem.

IF: Quando fazemos parte de uma tuna, acabamos por estar mais tempo ligados ao ambiente académico. Mesmo depois de sair, continuamos a vir aqui e a participar em muitos eventos académicos. E vamos sempre ajudando a fazer com que as tradições se vão mantendo. Há uma forte vertente cultural. O facto de a Universidade do Minho estar inserida no Minho faz com que, quando nós vamos por aí fora, levemos aquilo que é a cultura do Minho e a forma de fazer as coisas no Minho. Se há diferenças nas tunas dentro da própria universidade, as diferenças de universidade para universidade são um bocado maiores e de região para região também. Uma tuna no Minho não é o mesmo que uma tuna em Coimbra

27



UMA COLEÇÃO DE GERAÇÕES QUE SE VIVE, SENTE, E NÃO TEM PREÇO

FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

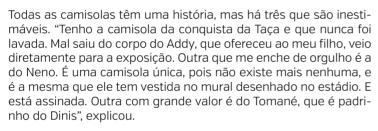
Paixão pelo Vitória foi o pontapé de saída para uma coleção que tem deliciado gerações vitorianas.

A história do "Museu do Kalicas", constituída por mais de 200 camisolas do Vitória, entre outros adereços, começou de forma simples. "Comecei a colecionar desde novo. O meu pai foi jogador e dirigente do Vitória e, depois de me ter oferecido uma, ficou o bichinho", confidenciou Carlos Freitas, de 55 anos, cuja paixão pelo Vitória e a grande amizade com Neno, permitiu-lhe notoriedade a nível nacional. "Nunca pensei que esta paixão fosse ter o alcance que teve. Tive de ser muitas vezes chato, mas valeu a pena. Mas a fama, se assim se pode dizer, deve-se exclusivamente ao Neno. Foi ele que me tornou conhecido. Uma semana antes da Taça de Portugal, que o Vitória ganhou, a Sónia Araújo da RTP ligou-me para uma reportagem. Depois disso, também através do Neno, apareci na publicidade da Liga NOS. Acharam que era a pessoa indicada para representar o Vitória e os vimaranenses", lembrou.

A coleção delicia os vitorianos, mas também os amantes do futebol de outras cidades que reconhecem a paixão de Carlos Freitas pelo "Vitória" e por "Guimarães", como faz questão de dizer. E já houve quem apresentasse números para adquirir a totalidade dos artigos. A resposta é automática. "Não estou interessado", adianta. "Já tive ofertas valiosas. Muito dinheiro mesmo, mas é uma coleção que não tem preço. Mas, verdade seja dita, isto já não é meu. Como o meu pai passou para mim este gosto, eu passei para os meus filhos. Eles é que decidem", adianta. Diogo, 23 anos, o filho mais velho do clã Freitas, sob o olhar atento de Dinis, de 8 anos, o mais novo da casa.







O espaço já é considerado um museu e, embora esteja localizado na sua habitação, são muitas as personalidades que fazem questão de ver a coleção. O atual presidente António Miguel Cardoso foi a mais recente visita e, entre outros presidentes que também saciaram a curiosidade, vários jogadores e treinadores, entre os quais Rui Vitória, responsável pela conquista da Taça, visitaram o local.









20



TEXTO: JOANA MENESES • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

Uma ida a pé para um interturmas no Multiusos, em 2009, fez com que um grupo de amigos da escola secundária Martins Sarmento quisesse participar no FundaSound, uma mostra de música pop de Guimarães. Fundaram os LightFingers para concorrer e para se mostrarem à cidade berço. Já como Virar DaSquina, na segunda edição, apresentaram-se com "Houvesse Lágrimas" e "Drive Away".

Ana Catarina Rodrigues, vocalista, e Nuno Meneses, teclista, estiveram na formação inicial dos Virar DaSquina. "O bichinho ficou e queríamos dar continuar à banda", confessou a voz do grupo. Precisavam de uma bateria e é aí que surge João Cunha, a bateria que se ouvia na rua do liceu. Bateram à porta do João Cunha e "correu bem". Foi num evento do Zeca Afonso que lhes disseram que um baixo podia ser boa ideia e aparece Mário Ribeiro, que tocava baixo antes de entrar para o grupo, mas foi com este que acredita ter evoluído. "Participei em vários projetos com o Cunha e, eventualmente, os Virar DaSquina precisaram de um baixista", recorda. Jorge Gameiro já os conhecia há muitos anos, porque tocava noutras bandas e, às vezes, cruzavam-se em palco. Já tinha até mandado uma mensagem a perguntar se precisavam de um guitarrista, mas apenas em 2018 passou a fazer parte do grupo musical.

Daqui, surge o próprio nome Virar DaSquina. As opções eram muitas, mas este acabava por representar o percurso dos vimaranenses. "Virar de página, ninguém sabe o que está ao virar da esquina", explicam adiantando como acabaram por criar o conceito e toda a base da banda. "Não podemos fazer coisas só porque sim, tens que dar continuidade a uma história. Então, baseamo-nos muito no nome e acho que todas as músicas passam por aí. Ao minuto 00:35 começa uma nova melodia e acho que foi assim que encontramos a nossa entidade. A nossa identidade musical está completamente no nome Virar DaSquina", garantem. Dizem que não gostam de se categorizar por isso mesmo, são uma fusão de tudo aquilo que os inspira. "Neste CD até tens um bocadinho de fado", destaca Jorge Gameiro.

DE PEDRO E INÊS AOS CANTOS DOS LUSÍADAS

"Até ao Fim do Mundo" foi o primeiro álbum do grupo. "Foi de uma música que escrevemos em inglês que surgiu a ideia de começarmos a fazer um álbum baseado em história portuguesa concetual, mas dando uma reviravolta tornando-a mais nossa do que propriamente ela é", recordou João Cunha. Com a ajuda de Paulo César Gonçalves, e acreditando que sem a ajuda dele "não conseguiam colocar a intensidade que têm as letras", escreveram o álbum.

A escolha de cantar em português não foi difícil, uma vez que o conceito assim o pedia. Para Mário Ribeiro, "se o conceito do álbum era contar histórias de Portugal, só assim fazia sentido". Nuno Meneses aproveitou para explicar a decisão de contar Portugal a cantar. "As músicas iniciais eram sobre uma prostituta e a vida na noite e a prostituta. Quando falamos com o Paulinho para escrever, a história mais próxima que podíamos adaptar era a história de D. Inês e D. Pedro. Claro que ficou muito mais suave", diz.

O segundo álbum da banda, "Mar Sem Fim", foi apresentado este mês e é quase uma continuação do primeiro. "É outra vertente da história portuguesa", argumenta João Cunha. Inspirados pela viagem de Vasco da Gama e pelos Cantos dos Lusíadas, os Virar DaSquina deixaram-se levar pela imaginação e construíram uma narrativa na qual se pressente a leitura de Júlio Verne e uma solução otimista para um mundo paralelo.

Escrever um álbum não é tão fácil como muitos pensam. Primeiro, pensam no conceito do álbum e decidem sobre o que querem falar - desde o submarino, às ninfas, ao monstro - e o que contar em cada música para chegar ao final pretendido. Para o baterista, "a progressão no álbum não é só feita pela letra, mas também pelo instrumental. Cada instrumental está adaptado ao tema da música".

Para a gravação de "Mar Sem Fim", contaram com o apoio do pro-



grama de Apoio aos Agentes Culturais 2021, da Direção Regional da Cultura do Norte, e do IMPACTA, programa do Município de Guimarães. Hoje em dia, com a pandemia, "com os apoios que se deram, houve muitas mais pessoas que começaram e se deram a conhecer", admitem. "Se não tivesse acontecido a pandemia e não tivessem aberto mais apoios para as pessoas da casa, não sei se nós íamos conseguir", lamenta a banda que recorda a forma como gravaram o primeiro disco entre risos: um crowdfunding e rifas.

A ideia é que os próximos álbuns estejam ligados, como se de um inception se tratasse. Levantando o véu para o que podemos esperar, dizem que "começamos com a história de Pedro e Inês, estamos nos Lusíadas, mas os Lusíadas abordam a história de Pedro e Inês. Já temos uma história para o futuro e será também algo do género".

SAIR DO CIRCUITO E VOLTAR A ENTRAR

Consideram que "há muito boas bandas em Guimarães" e têm a noção de que saíram do circuito e que "vai custar voltar a entrar". "Já não somos aquela novidade, mas continuamos com os nossos contactos e conhecemos pessoas. Quando engatarmos outra vez em concertos, em aparecer e em estar com as pessoas, aí vai ser mais fácil entrar outra vez", acredita a vocalista.

"Antigamente, íamos a tudo o que era bares e havia imensos bares que faziam concertos. Mas mesmo o que nós queremos apresentar agora também não se adequa a todos os bares", acrescenta João Cunha.

"Eu sei que isto vai ser um projeto de vida, porque isto não é um trabalho, é um ginásio mental. É a forma que nós temos de libertar toda a potência criativa que temos, frustações, alegrias, e passar isso para uma música. Acho que é saudável, ainda que velhinhos, continuar a fazer isso. Ainda que não seja profissional, vai ser sempre um encontro de bons amigos", terminou Ana Catarina Rodriques.



Artigo de opinião MURALHA

Guimarães, cidade de tradições milenares que mostra o poder de um povo crente e audaz que fez de Portugal um pais descobridor e conquistador.

Nesta cidade está implementado um clube peculiar no seu viver e único na paixão que os adeptos nutrem pelo clube. Clube cujo símbolo tem o nosso primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques. Na cidade confunde-se por vezes o que é ser vimaranense e o que é ser vitoriano.

O que é ser vitoriano? Pergunta fácil de ser respondida pela sua unicidade e originalidade. Ser Vitoriano é ser um apaixonado único por um clube de uma cidade Património Mundial cujo bairrismo é extravasado ao extremo. Este extravasamento, por vezes, leva a um passar do limite do razoável na perspetiva dos adversários, mas é um exultar de bairrismo e autenticidade na perspetiva do vimaranense.

Somos Únicos! A chuva para nós é sol!! Somos Vitória até morrer!!

Mas, quem gere a instituição tem que saber gerir estes sentimentos e atitudes dos nossos sócios, com alguma dose de parcimónia. Ser-se líder de uma legião de adeptos apaixonados e fervorosos é importante pautar-se por uma plasticidade emocional com o intuito de poder usufruir de uma racionalidade na gestão de conflitos.



Dr. Rui Vaz Médico desportivo

Os nossos líderes terão que ser os responsáveis pelo não desmoronamento da nossa verdadeira Muralha. Para mim a verdadeira Muralha são os indefetíveis adeptos/sócios vitorianos.

Neste momento particularmente sensível e periclitante do ponto de vista financeiro e económico por que passa o nosso clube, é importante socorrermo-nos do nosso principal ativo (a Muralha). Arrancar pedras desta muralha constantemente leva-nos a ver indubitavelmente a um desmoronar do nosso clube!!!!

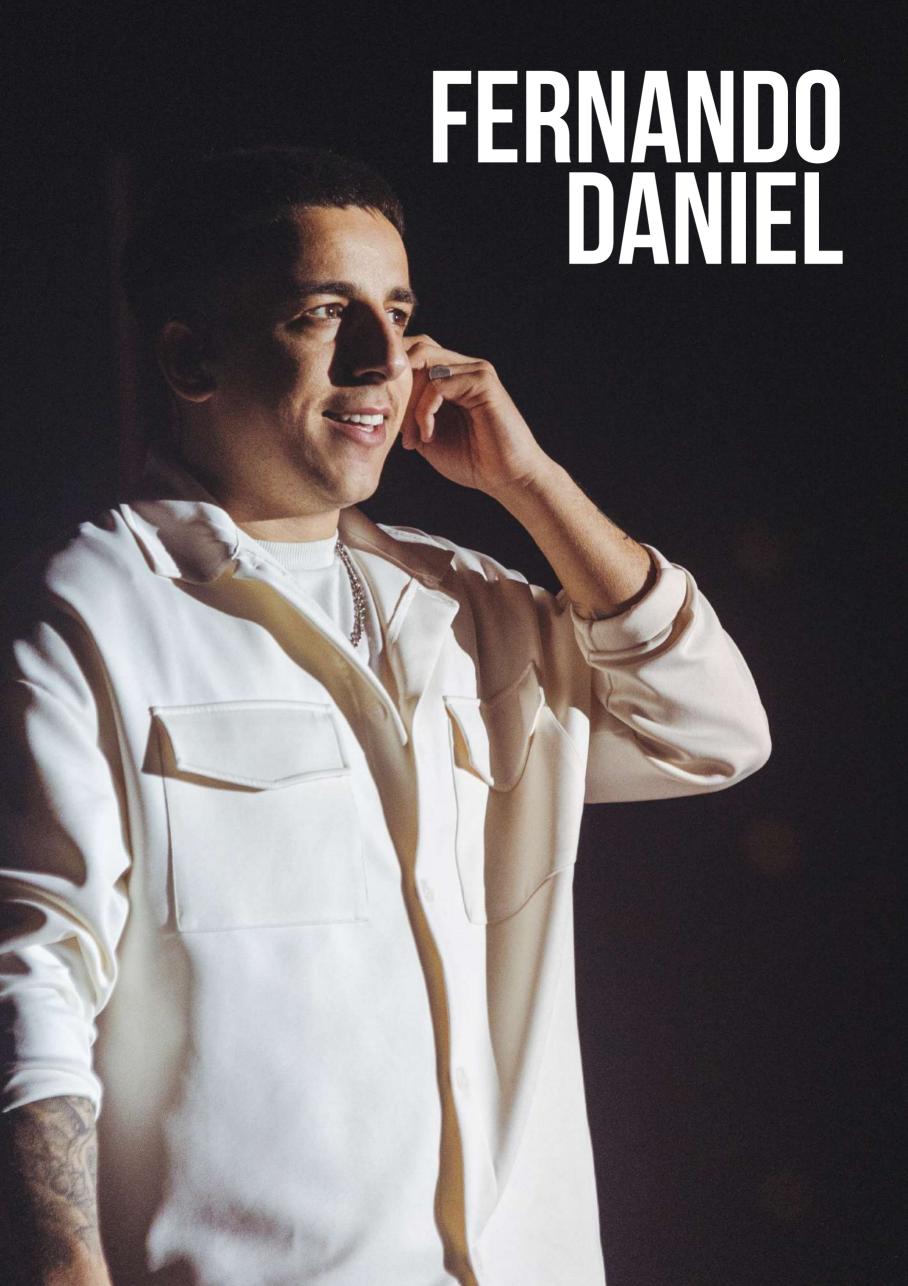
Tenho reparado, ao longo dos anos, um verdadeiro trucidar de vitorianos no seio do clube e colocação em posições de maior relevo de pessoas que não tem um sentimento de pertença do nosso clube!! Costumam dizer no alto das suas decisões que "Ser vitoriano não significa ser competente", mas nos últimos anos/décadas temos reparado e confirmado o contrário.

Estamos num momento que precisamos de todos, e todos são poucos para ultrapassarmos este "cabo das tormentas".

Necessário apelar aos decisores do clube para perceberem que o nosso principal ativo é a Muralha (os nossos adeptos). Não temos muito tempo a perder e temos que falhar cada vez menos....

Somos Só Vitoria, Vitória até morrer...







"O SEGREDO É DESFRUTAR DAQUILO QUE ESTÁ A ACONTECER"

TEXTO : JOANA MENESES • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

Encontramo-nos no Tio Júlio com o músico Fernando Daniel. E Voltar a este lugar e comer uns preguinhos estava nos planos desde que a decisão de vir ao Multiusos foi tomada. À Mais Guimarães, falou do seu percurso enquanto artista e confessou-nos qual a música que mais gosta de cantar nos concertos.

Quem é o Fernando Daniel e como é que te descreves?

O Fernando Daniel é um rapaz super divertido, tímido q.b.. Gosto muito de comer, por isso é que cá estamos.

Disseste uma vez, numa entrevista, que a guitarra andava contigo para todo o lado. O gosto pela música já existia antes ou foi quando a tua irmã te deu a guitarra que o gosto nasceu?

A música veio um bocadinho antes dessa guitarra. Essa guitarra foi um "deixa-me cá aprender mais coisas e não ser só cantar". A música vem aos 10 anos de idade, a guitarra vem aos 14. Foi juntar o útil ao agradável, aprendi a tocar e aprendi piano também. Hoje em dia são os instrumentos que toco em palco.

Também disseste que eras muito teimoso. Foi essa teimosia que te fez chegar onde estás hoje? Prefiro dizer que sou uma pessoa persistente do que teimosa. Isso ajuda porque é sinal de que nunca estás satisfeito, queres sempre procurar por mais e vais trabalhar sempre para mais.

Em 2013 e 2014 participas no Fator X e acabas por ser eliminado Em 2014, ficas em quarto lugar. Como é que se lida com ou não aos 16, 17 anos?

Confesso que o choro é inevitável. Chorei, estava triste. Mas deu-me força e acho que puxou mais pela persistência que já era notória. Saí, chorei, mas no dia a seguir pensei "vou mostrar que eles estavam errados". Depois aparece, mais tarde, o The Voice.

Mas também já tinhas feito um casting para uma banda onde foste o único candidato.

[risos] Fui o único candidato. Hoje dia ainda me dou com uma dessas pessoas, é o meu melhor amigo, o Mendoza. Isso também revela que é importante mantermos sempre as pessoas que nos acompanham desde o início por perto, porque são pessoas que nos querem ver crescer e que querem crescer connosco.

E, tal como disseste, em 2016, vais ao The Voice. A tua prova cega a cantar Adele, When We Were Young, torna-se a mais vista a níve

3/1

mundial. Como é que foi sentir isso?

A partir do momento em que começo a perceber que se está a tornar viral, ao mesmo tempo que me deu alguma confiança para continuar no programa, deu-se um acréscimo de responsabilidade. Não queria defraudar as expectativas que já estavam a ser criadas com aquilo que eu ia fazer. Foi um misto de responsabilidade acrescida com um descansar que nunca deu para descansar.

Ao venceres, há um contrato com a Universal. Como é que vem c "Espera", o teu primeiro single, e, posteriormente, o teu primeiro álbum, "Salto"?

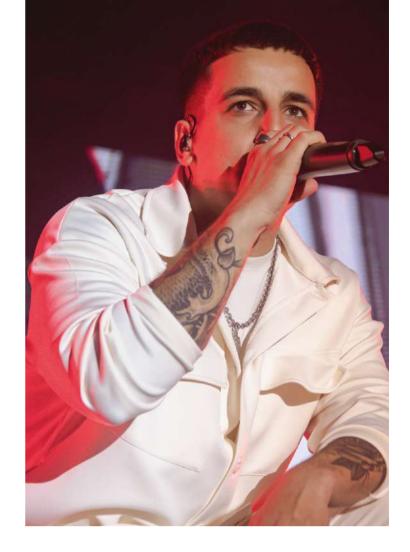
O "Espera" nasce quase de uma insistência minha. Estava em casa e, a partir do momento que percebi que tinha uma editora comigo, eram constantes as chamadas para eles a dizer "eu quero trabalhar, quero fazer música, não quero que as pessoas se esqueçam de mim". E eles sempre naquela de "ok, mas temos que perceber para onde é que vamos, que tipo de músicas é que vamos à procura". Tinha que surgir com alguma naturalidade e o produtor tinha que gostar, também, daquilo que estava a fazer. Mostram-me a guitarra de espera, não tinha letra, não tinha nada, era só mesmo uma guitarra e eu gostei. Comecei a escrever em cima daguela guitarra e a cantar. Entretanto, há ali uma fase do refrão em que bloqueei um bocadinho, chamamos a Carolina Deslandes para se juntar a nós. Começamos a trabalhar o "Espera" em abril de 2017, sai em julho. O álbum sai quase um ano depois, em março de 2018. Foi logo, nas primeiras semanas, top de vendas. Foi um início brutal. Fomos lançando singles que nos foram dando matéria para trabalhar e foi um ano ótimo em concertos.

Estavas à espera dessa receção tão boa por parte dos portugueses?

Não estava. Sabia que, à partida, como o meu estilo de música é o pop e é mais comercial, tocava nas rádios e isso é uma forma de chegar às pessoas e em maior número. Mas daí a gostar... As pessoas podem não se identificar. Há várias coisas que te podem levar a não gostar de um artista ou das canções desse artista. Faz parte. É bom existirem artistas para todos os estilos.









E depois vais a Sevilha, a um evento da MTV, e falas muitas vezes daquilo que viveste, desde a passadeira vermelha, que sentiste muita pressão, o facto de ires numa limusine. Sentiste um alívio, digamos assim, por teres visto portugueses na própria passadeira vermelha, estás com a Dua Lipa, tens a Pablo Vittar atrás de ti, acabas até por encontrar o Cristiano Ronaldo... É fácil um artista deixar-se deslumbrar?

Acho que faz parte, acho que um artista deve-se ir deslumbrando. Acho que te deves deslumbrar, mas deslumbrando sempre com os pés bem assentes na terra. Deves pensar "isto está a acontecer hoje, mas para o ano pode não acontecer". Na verdade, não aconteceu no ano seguinte, apesar de ter vencido o prémio. Mas faz parte deslumbrar-se, porque é um mundo em que tu trabalhas imenso. Acho que o segredo é mesmo desfrutar daquilo que está a acontecer, com os pés na terra.

Já tiveste outro trabalho, e, uma vez, falaste do "ser feliz e ser útil". Sentes que, neste momento, és útil e feliz?

Exatamente. Sou útil e sou feliz. No outro trabalho que eu tinha, sentia-me útil, mas não me sentia feliz. Sentia que estava a fazer o meu trabalho enquanto trabalhador, mas eu não estava a ser feliz. Só nos dão a garantia de que vivemos uma vez, por isso acho que é





aproveitar a oportunidade que temos de nascer. Parece uma coisa tão básica, mas é uma oportunidade de uma vida para fazermos aquilo que a gente gosta, ser útil, ajudar, e, ao mesmo tempo, sentirmo-nos felizes.

Por todas as coisas que vamos vendo, acho que falar em Fernando Daniel é, inevitavelmente, falar em fazer feliz...

Sinto que, uma vez que eu estou feliz, tenho uma vida feliz, uma família feliz, estou a fazer aquilo que gosto, acho que tenho estabilidade suficiente para poder fazer as outras pessoas felizes. Não se trata só de chegar ao palco e cantar. Aí já estou a fazer as pessoas felizes. Fora isso, acho que é importante ajudar. Se eu tenho a possibilidade de ajudar, se tenho tempo para ajudar, não custa fazer outra pessoa feliz. Às vezes um simples vídeo, uma simples ida a casa de alguém, uma prenda num momento especial, acho que ajuda alguém a ter um dia melhor.

Falando um bocadinho agora do teu novo álbum, "Presente", que, entretanto, já teve uma reedição, o que é que mudou?

Fui aprendendo cada vez mais coisas. O "Presente", não de prenda, mas de presença, é quase como um grito de "eu estou aqui". Muitas vezes, as pessoas, e os críticos, principalmente, olham para o pop como um estilo de música fácil de fazer. As composições se calhar são um bocadinho mais fáceis, mas depois, como há tanta concorrência, nem sempre consegues fazer pop. Foi quase como um grito de "eu estou aqui, estou a fazer música, aquilo que gosto, há espaço para o pop". E o "Presente" ficou seis semanas seguidas em primeiro lugar no top nacional e ficou também durante 54 ou 55 semanas no top geral das vendas em Portugal.

A reedição veio numa de "não tocamos o disco, não deu para viver o disco". Portanto, fiz uma reedição para poder continuar a saborear o disco e fazer estrada. Fiz algumas colaborações com o Carlão, a Carolina, o Piruka, já tinha feito com o Jimmy P e com o Agir. Acredito que no próximo disco possa surgir mais uma outra outra parceria.

Sinto que ouvir as tuas músicas é conhecer-te. Em quê ou em quem é que te inspiras?

Inspiro-me nas minhas histórias e nas histórias das pessoas que me odeiam. Tento é não tornar as letras muito pessoais nem muito objetivas. Acho que a partir do momento que escreves músicas demasiado objetivas ou demasiado pessoais, crias uma barreira de compreensão na outra pessoa. Se eu for demasiado objetivo numa letra minha, a pessoa deixa de se identificar, porque não passou por aquilo em específico.

Qual é, das tuas músicas, a tua preferida?

Depende do estado de espírito. Se me perguntasses qual era a música que eu não me importava de cantar para o resto da minha vida, eu diria a "Melodia da Saudade".





É a que mais gostas de tocar nos concertos?

É a que mais gosto. Acho que é um momento especial, fico sozinho em palco, sentado ao piano, com uma luz sobre mim. É um momento em que, além de eu me estar a relembrar do meu avô e a cantar para ele, sinto que as pessoas que ali estão, estão a relembrar alguém ou estão mais próximas de alguém que já partiu. Acho que esta música é mesmo isso. É levantarmo-nos a nós até ao céu, ou então trazer as pessoas do céu um bocadinho até nós. São seis ou sete minutos em que as pessoas estão ali a preencher um vazio que não se sabe se se pode ou não completar, mas que eu faço por isso.







NOITE MEMORÁVEL: "SINTO-ME EM CASA"

Depois da energia inicial sentida na noite de 7 de maio no palco do Multiusos de Guimarães, Fernando Daniel aproveitou para dizer que "Portugal não é só o Porto e Lisboa" e que, enquanto houver palcos, vai querer cantar em todos eles.

"Tocar no norte é um concerto ganho", confessou o músico que destacou o facto de "a malta do norte acolher sempre bem". E se, naquele concerto, "pudéssemos parar o tempo", a imagem seria surreal. Seis mil lanternas ligadas e um ambiente único, enquanto o público acompanhava Fernando Daniel.

Num concerto que contou com Carlão, que se referiu aos espectadores como "maravilhosos", Carolina Deslandes e Piruka, o mentor do The Voice Kids fez questão de levar consigo quatro pequenos cantores, Rodrigo, Matilde, Catarina e Maria. "Quatro pessoas que, há uns meses, saíram de casa e foram atrás do sonho", contou o artista.

A artista e amiga Carolina Deslandes destacou o quão importante é "dizer o quanto gostamos e estamos orgulhosos. Mais do que canções, o Fernando Daniel inspira todas as pessoas que estão nesta sala. Ele nunca desistiu". E, dando continuidade a essas palavras, anunciou a música "Recomeçar" que fala sobre "não desistir de uns obstáculo, seja ele um despedimento, o fim de uma relação, uma nova vida no estrangeiro, seja o que for", lembrando o percurso que fez com o seu melhor amigo e teclista, Mendoza. "É bom que nos possamos rodear de pessoas que nos apoiam contra tudo e contra todos. Podem não estar lá para nos impedir de cair ao chão, mas estão lá com a mão esticada para nos levantar".

"ZÉ PEDRO, HOJE, EU E MAIS SEIS MIL PESSOAS VAMOS CANTAR PARA O TEU PAI"

"Melodia da Saudade" abriu o encore, com um momento muito especial. Com a certeza de que o avô não se importava que, naquela noite, a música fosse dedicada a outra pessoa, Fernando Daniel dedicou a música ao pai de Zé Pedro, um rapaz que estava no Multiusos e lhe tinha feito chegar uma carta.

Um concerto que, garantiu o artista, "valeu pelos dois coliseus", e um lugar onde se sentiu em casa. "Espero voltar", disse ao terminar.



FUTEBOLÀ LUPA A UCRÂNIA E O SHAKHTAR... UM DRAMA GLOBAL

TEXTO: VASCO ANDRÉ RODRIGUES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

" - Acordei às cinco da manhã com cinco explosões seguidas. Tinha voo marcado para hoje, mas agora é impossível sair daqui, até porque os aeroportos já estão destruídos e o espaço aéreo foi encerrado.

Só se consegue sair de Kiev por via terrestre e está tudo a tentar fugir para Lviv, é impossível circular, as filas são enormes. Só resta rezar para que uma bomba não caia junto de nós. Sinceramente, não sei como vou sair daqui."

UM CONFLITO QUE DURA DESDE 2014

As palavras do treinador Paulo Fonseca, depois de abandonar Kiev, onde se encontra radicado, após ter treinado o Shakhtar Donetsk, fugindo, assim, à guerra, demonstravam a violência com que o conflito abraçou a capital ucraniana, fazendo todos que nela viviam entrar em pânico.

Um temor, esse, também experimentado pelo actual técnico dos mineiros, o italiano Roberto de Zerbi, que, para lá de si, preocupou-se com os seus jogadores ao referir que "Depois dos bombardeamentos, tranquilizaram-nos dizendo que nada aconteceria aos civis. Ou melhor, que nada deveria acontecer com civis estrangeiros.

Mas ninguém alguma vez esteve nesta situação.

Fiquei no hotel como os jogadores brasileiros. Sem alguém do clube. Mantenho os valores que meu pai me deu, então fiquei com os mais novos para mostrar-lhes que não estão sozinhos. Eu acho que é o que está certo, não sei se isso faz eles sentirem-se melhor... A gente tem medo, mas não pode colocar o medo à frente da vida.

Estou muito preocupado com os jogadores ucranianos. Estão sozinhos, podem ser chamados para a guerra, mesmo com 18/20 anos. Voltaremos ao nosso país, mas eles ficarão no meio dos problemas. O que me deixa louco é não poder ajudá-los de forma alguma..."

Porém, este conflito possui raízes que nos fazem recuar até 2014, altura em que o Shakhtar, por causa do eclodir do conflito, viu-se na contingência de abandonar o seu estádio, um dos mais modernos da Europa, para jogar em Kharkiv, a 300 quilómetros de Donetsk.

A DONBASS ARENA - DO APOGEU A CENTRO DE AJUDA

Recuemos ainda mais, até ao ano de 2009.

Financiada pelo oligarca ucraniano e presidente do clube, Rinat Akhmetov, em 176 milhões de euros, surgia a Donbass Arena, um dos estádios mais modernos e belos do continente europeu e que, por isso, haveria de receber desafios do Campeonato Europeu de 2012. Dos jogos aí realizados, merecerá destaque a meia final de má memória para o futebol português, quando a equipa das Quinas foi derrotada no desempate pelos pontapés de grande penalidade pela sua congénere espanhola.

Para tornar o momento de abertura, ainda, mais inesquecível, perante o então presidente ucraniano, Viktor Yushchenko, a cantora norte-americana, Anastasia, haveria de brindar os presentes com um inesquecível concerto.

Porém, os momentos belos e de glória haveriam de cessar em 2014, quando as tropas russas resolveram invadir a região do Donbass atacando diversos pontos estratégicos, inclusivamente o estádio, a menina dos olhos da cidade. Tal desencadearia violentos combates entre as tropas leais ao governo ucraniano e as forças separatistas pró-Rússia, numa espiral de destruição que não poupou vidas humanas nem infra-estruturas.

Por essa razão, o estádio ficaria completamente destruído, obrigando o clube até 2017 a realizar os seus jogos caseiros em Lviv, a 1200 quilómteros de Donetsk, sendo que, depois dessa data, foram transferidos pra Kharkiv, a 300 quilómetros da cidade, onde o clube esteve até 2018, altura em que a equipa rumou para a capital Kiev. Tal deveu-se a um incidente gerado por guardas fronteiriços russos que dispararam sobre três navios militares ucranianos, levando a que fosse instaurada a lei marcial no distrito de Kharkiv. Como medida de segurança, a equipa deslocou todos os jogadores e funcionários para outras paragens, neste caso a capital do país, onde se manteve até Fevereiro passado,

A Donbass Arena, apesar de se encontrar semi-destruída, com os vidros que revestem as bancadas e os das sumptuosas entradas partidos e estilhaçados, funciona como centro de ajuda para os







habitantes da cidade suportarem as agruras da guerra.

O SHAKHTAR NO MEIO DA GUERRA

Os factos supra-vertidos demonstrarão que o clube da cidade mineira sempre viveu com o fantasma da guerra a assombrá-lo.

Tal voltaria a suceder no conflito que, actualmente, se vai travando. Para além das competições do país terem sido interrompidas, a extensa colónia de jogadores brasileiros que, desde há muito, vem ajudando o clube a ser competitivo, fazendo-o mesmo vencer uma Liga Europa em 2009 frente ao Werder Bremen, beneficiou de uma resolução da FIFA que permite que os jogadores estrangeiros abandonem a Rússia e a Ucrânia para actuarem em outras paragens. Por essa razão, desvincularam-se dos clubes onde actuavam, desconhecendo-se, ainda, se poderão regressar.

Pior do que isso, muitos jogadores alistaram-se para combater as tropas russas.

Outros como o jovem craque Sudakov emocionou tudo e todos com a sua história a ser narrada pelo treinador português, Fernando Valente, que o orientou na academia do clube: " - O Sudakov é um miúdo de 20 anos com um potencial enorme, até para jogar num Barcelona ou Manchester City. Foi o maior talento que treinei e é dos que mantenho ligações mais fortes. No telemóvel guardo uma foto anterior ao conflito, dele e da namorada, que está grávida, felizes da vida. Há pouco tempo enviou-me outra deles enfiados num bunker, tristes. Sempre que a revejo vêm-me as lágrimas aos olhos."

A RETOMA

Porém, apesar da dureza do conflito, a vida jamais poderia parar. Desta forma, quarenta e quatro dias após o exército ter aberto as hostilidades, o Shakhtar retomou as suas actividades, bem longe da Ucrânia. Com efeito, foi na Turquia que a equipa, desprovida dos seus jogadores estrangeiros, a se juntou o internacional Yaroslav Rakitskij que abandonou os russos do Zenit quando a guerra eclodiu, voltou a sentir o cheiro da relva.



Importará esclarecer, agora, como os jogadores deixaram a Ucrânia, atento à lei que impede homens de 18 aos 60 anos de abandonarem o país. Tal deveu-se a uma autorização especial por razões humanitárias, emitida pela UEFA, que permitiu-lhes apanhar um comboio de Lviv em direcção à Eslováquia e daí voarem rumo a Istambul

Passados quatro dias, outro momento marcante haveria de suceder. Na Grécia, no Pireu, perante o Olympiakos, com as receitas a reverterem para associações que se dedicam a apoiar as vítimas da guerra, o Shakhtar voltaria a disputar um jogo de futebol, com as bancadas preenchidas por 176 peluches para lembrar as que, na altura, tinham sido mortas no conflito. Além disso, os jogadores entraram enrolados na bandeira do seu país e com o nome das cidades martirizadas inscritas nas respectivas camisolas. Logo de seguida, rumariam à Polónia, onde em outro desafio, entraria em campo um jovem de 12 anos, natural de Mariupol, a cidade que mais tem sofrido com esta guerra, para marcar o golo da vitória da equipa ucraniana.

Mais ou menos, na mesma altura, a equipa júnior do Dínamo haveria de empreender igual façanha, frente ao Sporting, nos quartos de final da Youth Leaque.

A MOBILIZAÇÃO DO FUTEBOL PORTUGUÊS E DO VITÓRIA

Todos os emblemas nacionais, consoante as suas possibilidades resolveram ajudar o povo ucraniano.

Assim, se o Benfica enviou mais de um milhão de euros de bens para o país em guerra, outros não regatearam esforços para receber refugiados.

Deste modo, o Vitória mostrou-se disponível em receber jovens refugiados nos seus quadros, dando-lhe a oportunidade de competirem e se integrarem na sociedade.

Além disso, a Associação VitóriaSempre, em conjunto com os veteranos do clube, realizou um jogo solidário em que quem compareceu teve de levar mantimentos que, posteriormente, a Câmara Municipal de Guimarães remeteu para as cidades ucranianas... porque a solidariedade com quem precisa jamais poderá deixar de existir!



BREVES EINTERESSANTES

Elon Musk comprou o Twitter por 44 mil milhões de dólares

A compra do Twitter por Elon Musk tem sido um dos temas principais nos últimos dias. Na manhã do dia 25 de abril, o mundo acordou com a notícia de que o dono da Tesla havia comprado a popular rede social Twitter por 44 mil milhões de dólares. E se para muitos esta foi uma boa notícia, para muitos outros esta compra causa algumas reticências. Para além do próprio negócio e de todas as questões associadas, há agora a dúvida de como esta rede social será gerida no futuro. Uma das promessas feitas está na forma como o Twitter irá gerar e gerir os seus lucros. Elon Musk quer aprimorar a gestão e eliminar o que entende ser excessivo, levando, provavelmente, a eliminar postos de trabalho, a reduzir os prémios da direção e até dispensar o atual CEO da rede social.

O também dono da Tesla quer deixar de depender tanto da publicidade e abrir a porta a outras formas de rendimento, focadas no que o Twitter oferece hoje aos utilizadores de forma gratuita.

O que está a ser avançado é algo tão simples como a incorporação de tweets em qualquer site. O foco será dado em especial em publicações que se tornem virais e que surjam de contas verificadas e com destaque no Twitter.





AEROPORTO PARA CARROS VOADORES

Foi inaugurado, no Reino Unido, aquele que é o primeiro aeroporto destinado aos carros voadores. No entanto, as novas instalações ainda não estão abertas ao público e nenhum carro voador poderá, para já, descolar no espaço designado Air-One.

A responsável pelo projeto é a Urban-Air Port, sediada no país e criadora de infraestruturas terrestres para táxis e drones de entrega autónomos.

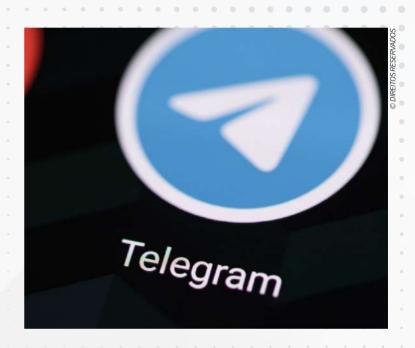
O projeto teve apoio do governo do Reino Unido e a Urban-Air Port vai operar o Air-One durante pelo menos um mês em Coventry. Os locais onde futuramente estes vertiports podem ser instalados são Los Angeles, Austrália, Coreia do Sul, França e Alemanha.

VERSÃO PREMIUM DO TELEGRAM EM TESTE

O Telegram cresceu de forma a que hoje é uma das alternativas no universo dos serviços de mensagens. Conseguiu roubar muitos utilizadores à concorrência em momentos chave e isso levou a que atingisse a posição que tem hoje.

O modo Premium foi mostrado e trará extras que vão ser pagos, com novidades importantes e aparentemente não acessível a todos os utilizadores.

A mais recente versão de testes é dedicada por agora ao iPhone e tem já visível o princípio do que será a vertente Premium deste serviço. Este serviço pago irá estar acessível em qualquer mensagem, mas apenas para quem tiver o serviço subscrito.





CABOS SUBMARINOS MAIS LONGOS DO MUNDO

O Reino Unido chegou a um acordo com Marrocos para obter eletricidade a partir da inesgotável energia fotovoltaica disponível para o país africano. O objetivo do acordo é construir um parque fotovoltaico e eólico perto do Atlântico, localizado a uma latitude próxima das Ilhas Canárias, e estender um cabo de 1,8 GW com uma capacidade de mais de 3.000 quilómetros até ao país britânico.

Está prevista uma capacidade de produção de 10,5 GW por ano, dos quais 7,5 GW virão da energia solar, enquanto 3 GW virão da energia eólica. Além disso, o projeto também contempla a construção de baterias para armazenamento de energia com uma capacidade de 20 GWh.

Now Playing



ENTRE MURALHAS #9

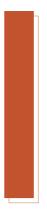


- 1. Abre o Spotify
- 2. Faz o scan do Spotify code
- 3. Prepara-te para os festivais de verão

@MAISGUIMARAES

PLA PLA PLA









1 — A PRIMEIRA GUITARRA FOI INVENTADA PELO ENGENHEIRO LLOYD LOAR. EM QUE ANO? a) 1918 b) 1919 c) 1920 d) 1921



2 — QUANTOS ANOS CELEBRA A DISNEYLAND PARIS EM 2022? a) 25 b) 30 c) 35 d) 40



 $3-\mathrm{EM}$ 1845, NASCEU EÇA DE QUEIROZ. EM QUE **CIDADE?**a) Póvoa de Varzim

- b) Coimbra
- c) Évora d) Leiria

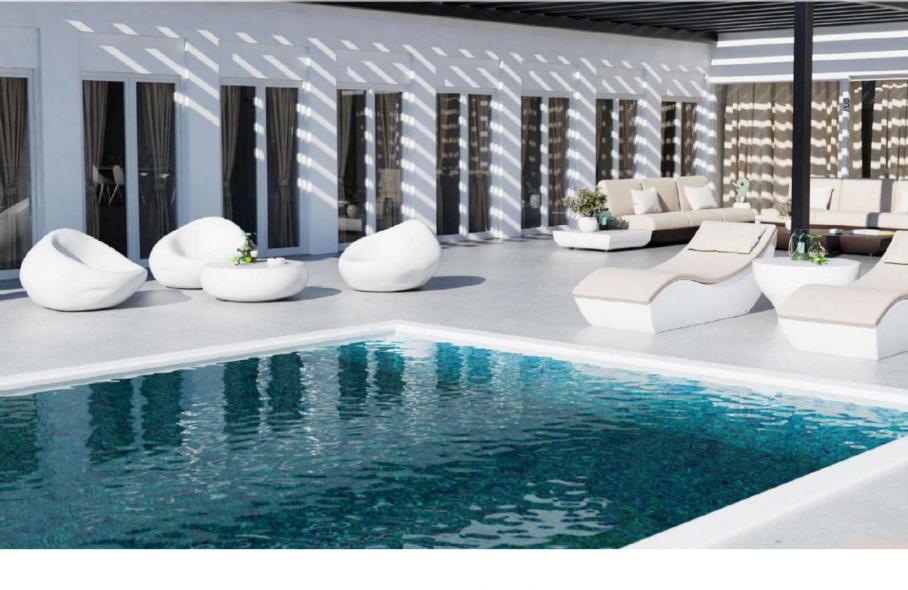


4 — QUAIS AS CIDADES PORTUGUESAS FINALISTAS A CEC EM 2027? a) Ponta Delgada, Braga, Aveiro e Évora

- b) Funchal, Braga, Faro e Évora c) Leiria, Viana do Castelo, Aveiro e Évora d) Funchal, Braga, Aveiro e Vila Real







antt-

INTERIOR DESIGN



DESFRUTE DO VERÃO EM SUA CASA

Av. São Gonçalo, Guimarães